

Caderno de Resumos
2016

6^a JORNADA DISCENTE

POSJOR | UFSC



Reitor

Luiz Carlos Cancellier de Olivo

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Sérgio Fernando Torres de Freitas

Diretor do CCE

Arnoldo Debatin Neto

Chefe do Depto. Jornalismo

Maria José Baldessar

Coordenadora do POSJOR

Raquel Ritter Longhi

Subcoordenadora do POSJOR

Valci Zuculoto

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR)

Campus Universitário, Trindade

88040-980 - Florianópolis/SC

(48) 3721.6610 - www.posjor.ufsc.br

Caderno de Resumos

2016

6^a JORNADA DISCENTE

POSJOR | UFSC

ISSN 2526-1231

Comissão Organizadora

Coordenação

Raquel Ritter Longhi, Valci Zuculoto e Kérley Winques

Equipe

Ana Luísa Funchal Oliveira, Ana Marta Moreira Flores, Anderson Dias Silveira, André Caetano Thibes, Caetano Machado, Cândida de Oliveira, Cláudia Luciana Silveyra D' Avila, Dairan Mathias Paul, Débora Cerutti Viegas, Edwin dos Santos Carvalho, Evandro de Assis, Evandro de Assis, Francielli Cristina Campiolo, Ingrid Pereira De Assis, Isadora Moreira Ribeiro, Jessica Gustafson Costa, Juliana Cristina Gobbi Betti, Juliana Cristina Gobbi Betti, Luciana Paula Bonetti Silva, Luciana Wasum Carvalho, Luciano Gonçalves da Costa, Luciano Gonçalves da Costa, Luiz Fernando de Oliveira, Luiza Mylena Costa Silva, Marcelo De Franceschi Dos Santos, Marcionize Elis Bavaresco, Mariana da Rosa Silva, Ricardo José Torres, Siliana Dalla Costa, Silvio da Costa Pereira, Suzanne da Silva Borela, Thalita Raphaela Neves de Oliveira, Thiago Pedro Malkowski, William Robson Cordeiro Silva

Projeto gráfico e diagramação

Frederico S. M. de Carvalho

PROGRAMAÇÃO JORNADA DISCENTE 2016

POSJOR/UFSC – 06, 07, 08 e 09 DE DEZEMBRO

TERÇA-FEIRA, 06 DE DEZEMBRO (TARDE)

LOCAL: SALA 303 - EFI

15h15 às 16h: abertura do evento com a coordenadora Raquel Longhi, presidente do Sindicato e diretor do CCE.

GRUPO 1: Jornalismo, Ética e Audiências (mediação: prof. Rogério Christofoletti)

16h45: “As noções de cidadania entre jornalistas brasileiros” – Criselli Montipó

17h: “Métricas editoriais no jornalismo online: ética e cultura profissional na relação com audiências ativas” – Lívia Vieira (participação via Skype)

17h15: “Parâmetros de seleção de conteúdo gerado pelo usuário em plataformas de jornalismo participativo” – Evandro de Assis

17h30: “Valores éticos em atos de jornalismo: uma análise de três coletivos de amadores” – Dairan Paul

GRUPO 2: Jornalismo, Imagem e Infografia (mediação: prof. Flavia Guidotti)

18h15: “A infografia no jornalismo imersivo: dinâmicas expressivas em direção de um novo estágio evolutivo” – William Robson Cordeiro

18h30: “Jornalismo Imagético: produção de fotojornalismo na transição do impresso para web” – Silvio da Costa Pereira

QUARTA-FEIRA, 7 DE DEZEMBRO

LOCAL: SALA 503 - EFI

GRUPO 1: Tecnologia, Inovação e Estratégias no Jornalismo (mediação: prof. Rita Paulino)

18h30: “Comunicação organizacional, Jornalismo e Inovação: análise de comunicação sobre o Sapiens Parque” – Ana Luisa Funchal

18h45: “Pesquisa de tendências como estratégia de inovação no jornalismo” – Ana Marta Flores

19h: “O uso de sistemas de gerenciamento de conteúdo por jornalistas: apontamentos para um modelo adequado às demandas do jornalismo contemporâneo” – Frederico de Carvalho

GRUPO 2: Rotinas do Jornalismo (mediação: prof. Antônio Brasil)

19h45: “Prioridade ao digital: convergência nos jornais espanhóis El País e El Mundo” – Alexandre Lenzi

20h: “Mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas: impactos sobre as rotinas e a qualidade da informação” – Janara Nicoletti

QUINTA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO (MANHÃ)

LOCAL: AUDITÓRIO DO EFI

GRUPO 1: Jornalismo Especializado (mediação: prof. Jorge Ijuim)

8h30: “Narrativas híbridas do jornalismo especializado em saúde” – Amanda Souza de Miranda

8h45: “Tensões metodológicas de um estudo sobre recepção de noticiários policiais” – Hendryó André

9h: “(Des)humanização no jornalismo” – Géssica Valentini

GRUPO 2: Política e Modelos de Jornalismo (mediação: prof. Carlos Locatelli)

9h45: “Alternativa a quê? Organização e práticas sociais nas novas experiências de jornalismo” – Mariana da Rosa (participação via Skype)

10h: “Independência editorial em Santa Catarina” – Leonel Camasão

10h15: “A reprodução do mito do herói na narrativa do impeachment de Dilma Rousseff” – Tito L. Pereira

QUINTA-FEIRA, 8 DE DEZEMBRO (TARDE)
LOCAL: AUDITÓRIO DO EFI

GRUPO 1: Epistemologia e Representações Sociais (mediação: prof. Gislene Silva)

14h: “Terra urbana em disputa: a cobertura jornalística de dois ciclos de ocupações organizadas em Florianópolis (SC) – Míriam Santini de Abreu

14h15: “Epistemologias para um jornalismo da Amazônia – Pollyana Dourado dos Santos (participação via Skype)

14h30: “Representações Sociais dos sujeitos rurais na Globo Rural (1985-2015) – Isadora Ribeiro

GRUPO 2: Jornalismo e Identidade Profissional (mediação: prof. Valci Zuculoto)

15h15: “Jornalismo e Ciência: a produção científica da Universidade do Estado de Santa Catarina na imprensa” – Carlito A. da Costa Jr.

15h30: “O freelancer num contexto de mudanças estruturais no mundo do jornalismo” – André Thibes

SEXTA-FEIRA, 09 DE DEZEMBRO (MANHÃ)
LOCAL: AUDITÓRIO DO EFI

GRUPO 1: Estratégias Discursivas e Enquadramento Jornalístico (mediação: prof. Melina Ayres)

8h30: “O discurso afetivo na revista Vida Simples: estratégias discursivas para (re) afirmação do contrato de comunicação – Débora Cerutti Viegas

8h45: “Do ‘Far-West’ ao Extremo Oeste: os enquadramentos do jornalismo e a identidade e representatividade política regional – Marcionize Bavaresco

GRUPO 2: Jornalismo, História e Direitos Humanos (mediação: prof. Daiane Bertasso)

9h30: “Imprensa e racismo na pós-abolição: o problema negro de Oliveira Lima – Maurício de Lima Oliveira

9h45: “Jornalismo, imagem e a luta pela memória de mortos e desaparecidos da ditadura civil-militar no Brasil – Cândida Oliveira

GRUPO 3: Jornalismo e Narrativas II (mediação: prof. Daiane Bertasso)

10h30: “Telejornalismo imersivo: a expansão do gênero nas narrativas em Realidade Virtual.” – Luciano Costa

10h45: “Aproximações entre jornalismo literário e cinema-documentário: análise dos filmes ‘Gretchen: Filme Estrada’ e ‘Uma História Severina’ – Marcela Varasquim

11h: “Webdocumentário: uma proposta de modelo narrativo” – Luis Fernando Oliveira

SEXTA-FEIRA, 09 DE DEZEMBRO (TARDE)
LOCAL: AUDITÓRIO DO EFI

Nilson Lage - uma vida em defesa da dignidade do Jornalismo e de seu ensino e pesquisa 15h - Cerimônia de Homenagem ao jornalista, professor e pesquisador Nilson Lage, Coordenação do POSJOR, Chefia do Departamento, Coordenação do Curso e Presidência do SJSC

15h30 - Painel em defesa da dignidade do Jornalismo, seu ensino e pesquisa Painelistas: Prof. Dr. Samuel Lima Prof. Dr. Eduardo Meditsch, Prof. Dr. Nilson Lage. Mediação: Profa. Dra. Valci Zuculoto

Horário: das 14h às 17h.



SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	10
JORNALISMO, ÉTICA E AUDIÊNCIAS	12
As noções de cidadania entre jornalistas brasileiros.....	13
Métricas editoriais no jornalismo on-line: ética e cultura profissional na relação com audiências ativas.....	15
Parâmetros de seleção de conteúdo gerado pelo usuário em plataformas de jornalismo participativo	17
Valores éticos em atos de jornalismo: uma análise de três coletivos de amadores.....	19
JORNALISMO, IMAGEM E INFOGRAFIA	21
A infografia no jornalismo imersivo: dinâmicas expressivas em direção de um novo estágio evolutivo	22
Jornalismo imagético: produção do fotojornalismo na transição do impresso para a web.....	25
TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E ESTRATÉGIAS NO JORNALISMO	28
Jornalismo, Comunicação Organizacional e Inovação: análise da comunicação sobre o Sapiens Parque.....	29
Pesquisa de Tendências como estratégia de inovação no jornalismo	31
O uso de Sistemas de Gerenciamento de Conteúdo por jornalistas: apontamentos para um modelo adequado às demandas do jornalismo contemporâneo	34
ROTINAS DO JORNALISMO	37
Prioridade ao digital: convergência nos jornais espanhóis El País e El Mundo	38
Mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas: impactos sobre as rotinas e a qualidade da informação	40

JORNALISMO ESPECIALIZADO	42
Narrativas híbridas do jornalismo especializado em saúde	43
Tensões metodológicas de um estudo sobre recepção de noticiários policiais.....	45
(Des)humanização no jornalismo.....	47
POLÍTICA E MODELOS DE JORNALISMO	50
Alternativa a quê?	
Modelos de organização nas novas experiências de jornalismo no Brasil.....	51
Independência editorial em Santa Catarina: um estudo sobre aferição da liberdade jornalística	53
A reprodução do mito do herói na narrativa do impeachment de Dilma Rousseff	55
EPISTEMOLOGIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	57
Terra urbana em disputa: a cobertura jornalística de dois ciclos de ocupações organizadas em Florianópolis (SC)	58
Epistemologias para um jornalismo na Amazônia.....	60
Representações sociais dos sujeitos rurais na revista Globo Rural (1985-2015).....	62
JORNALISMO E IDENTIDADE PROFISSIONAL	64
Jornalismo e ciência: a produção científica da Universidade do Estado de Santa Catarina na imprensa	65
O freelancer num contexto de mudanças estruturais no mundo do jornalismo	67
ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO	69
O discurso afetivo na revista Vida Simples: estratégias discursivas para (re)afirmação do contrato de comunicação.....	70
Do ‘Far-West’ ao Extremo Oeste: os enquadramentos do jornalismo e a identidade e representatividade política regional	72

JORNALISMO, HISTÓRIA E DIREITOS HUMANOS **74**

Imprensa e racismo na pós-abolição: o problema negro de Oliveira Lima 75

Jornalismo, imagem e a luta pela memória
de mortos e desaparecidos da ditadura civil-militar no Brasil 77

JORNALISMO E NARRATIVAS **79**

Telejornalismo Imersivo: a expansão do gênero nas narrativas em Realidade Virtual..... 80

Aproximações entre jornalismo literário e cinema-documentário:
uma análise dos filmes Uma História Severina e Gretchen Filme Estrada 82

Webdocumentário: uma proposta de modelo narrativo 85

APRESENTAÇÃO

Raquel Ritter Longhi
Valci Regina Mousquer Zuculoto
Coordenação do Posjor

<i>Que vivan los estudiantes, jardín de las alegrías!</i>	<i>Porque levantan el pecho [...]</i>
<i>Son aves que no se asustan [...]</i>	<i>Me gustan los estudiantes</i>
<i>Me gustan los estudiantes</i>	<i>porque son la levadura</i>
<i>Que rugen como los vientos [...]</i>	<i>del pan que saldrá del horno</i>
<i>Me gustan los estudiantes</i>	<i>con toda su sabrosura [...]</i>

(Violeta Parra)

Em um ano de grande efervescência política, social, econômica e cultural no Brasil, principalmente com o impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff e a consequente crise em que o país mergulhou, atingindo em especial a nossa área da educação e provocando um inédito e forte movimento de ocupações estudantis, a Jornada Discente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) chega à sua sexta edição em 2016. Tempo em que o Jornalismo é cada vez mais questionado e cobrado, por também estar incluído no centro desta efervescência, e se transforma mais e mais. Realizada de 6 a 9 de dezembro, pouco após a ocupação estudantil da própria unidade da UFSC onde está localizado o POSJOR, o Centro de Comunicação e Expressão, a 6ª Jornada Discente reúne mestrandos e doutorandos do Programa para apresentar suas pesquisas. Investigações que buscam refletir sobre o Jornalismo, seus modelos, ética, história, tendências, perspectivas... Enfim, trata-se aqui sobre a função e a prática do Jornalismo, que cada vez mais adquire centralidade na construção social da realidade, contemporaneamente tão tumultuada e desmontada .

Com objetivo de estimular o debate e intercâmbio científico entre discentes e docentes do POSJOR, o evento é organizado na forma de seminário, com exposições orais divididas em mesas temáticas, conforme apresentamos neste caderno de resumos. Além destas mesas temáticas, para a indispensável interação com a sociedade, a Jornada traz palestras e debates com convidados externos ao Programa: pesquisadores, profissionais e representantes de órgãos de classe. Neste ano, a programação inclui ainda uma justa homenagem ao trabalho e à obra do professor, jornalista e pesquisador Nilson Lage.

Assim, ao chegar à realização de sua sexta Jornada Discente, o primeiro Programa de Pós-Graduação acadêmico em Jornalismo do país evidencia que também está cumprindo seu principal papel de produzir reflexão e conhecimento acerca do campo jornalístico, buscando contribuir para que o Jornalismo efetivamente dê conta de sua missão na sociedade. E desta forma, o POSJOR igualmente corrobora a necessidade de pós-graduações focadas no Jornalismo, preparando-se para, consolidado, completar 10 anos neste próximo ano de 2017.

Que cheguemos lá afirmando: que vivam os estudantes, os professores, os pesquisadores e todos e todas que cotidianamente, no âmbito das universidades, estudam, ensinam, investigam para a qualidade, ética e democracia no Jornalismo!

Dezembro de 2016

JORNALISMO, ÉTICA E AUDIÊNCIAS

As noções de cidadania entre jornalistas brasileiros

Criselli Montipó

Métricas editoriais no jornalismo online: ética e cultura profissional na relação com audiências ativas

Lívia Vieira

Parâmetros de seleção de conteúdo gerado pelo usuário em plataformas de jornalismo participativo

Evandro de Assis

Valores éticos em atos de jornalismo: uma análise de três coletivos de amadores

Dairan Paul

As noções de cidadania entre jornalistas brasileiros

Criselli Montipó – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo; cidadania; jornalistas; narrativa jornalística; democracia.

Defendida na práxis e nas teorias do jornalismo, a responsabilidade jornalística de promoção da cidadania é reafirmada pelo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007), especialmente, quando se refere à defesa dos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948). No Artigo 6º, Inciso XI do documento, tem-se como dever do jornalista: “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias”. Há, então, uma relação simbiótica entre jornalismo e cidadania.

Entretanto, a noção de cidadania não é estanque: seu sentido varia no tempo e no espaço. Apesar de tal conceito ser central na agenda intelectual e política das sociedades contemporâneas, sendo reforçada nas democracias representativas, Carvalho (2013) ressalta que o fenômeno é complexo e conformado historicamente. O cidadão surge como processo de tensões no interior das políticas nacionais e de lutas pelos direitos dentro das fronteiras geográficas e políticas do Estado-Nação. Portanto, a construção da cidadania diz respeito à relação das pessoas e grupos com o Estado e, mais atualmente, com o sentimento de pertença a uma nação. Foi na Modernidade que o conceito e a prática social da cidadania ganharam desenvolvimentos decisivos, conforme Botelho e Schwarcz (2012), e foram incorporados definitivamente ao vocabulário e à experiência política cotidiana.

Atualmente, predomina a ideia de que ser cidadão é ser livre, gozar de igualdade de direitos e de obrigações. Portanto, esta pesquisa está baseada na ideia de que ser cidadão é pertencer à comunidade, ter direitos civis, sociais e políticos, segundo Carvalho (2013). O autor menciona uma cidadania com especificidades brasileiras, levando-se em conta que o Brasil foi colônia portuguesa por mais de 300 anos e, deste modo, a formação do Estado-Nação brasileiro carrega traços do período de colonização presentes na contemporaneidade. “O fator mais negativo para a cidadania foi a escravidão” (CARVALHO, 2013, p. 19).

A partir deste cenário, a obrigação do jornalismo para com manutenção da cidadania é o ponto de partida para esta pesquisa de tese que visa investigar as noções de cidadania predominantes entre jornalistas brasileiros. Como objetivos específicos apresentam-se: (1), conhecer e compreender quais noções de cidadania prevalecem entre os jornalistas; (2) verificar os sentidos de cidadania que emergem dos veículos jornalísticos brasileiros; (3)

examinar a influência portuguesa nas conformações cidadãs brasileiras; (4) averiguar como a simbiose entre jornalismo e democracia influencia tal responsabilidade jornalística; (5) analisar de que modo a práxis e as concepções sobre o tema colaboram com o ideal do jornalismo de promovê-la.

A pesquisa compreenderá duas etapas que serão realizadas simultaneamente: análise de reportagens e entrevistas semiestruturadas com jornalistas brasileiros. Tais repórteres serão convidados a responder à entrevista de forma a constituírem uma amostragem significativa. O objeto empírico desta pesquisa, também, será composto por uma amostra de reportagens sobre temas relacionados à cidadania, veiculados em jornais, revistas, portais, emissoras de rádio e televisão do Brasil. Tais reportagens serão eleitas a fim de construir um recorte qualitativamente significativo. O *corpus* será selecionado de forma a representar uma amostragem sem privilegiar momentos específicos, para compor uma semana artificial dos veículos, de acordo com Bauer (2008). Os procedimentos metodológicos contam, ainda, com recursos da Análise Crítica da Narrativa, conforme Motta (2013).

Referências

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Cidadania e direitos: aproximações e relações. In: **Cidadania, um projeto em construção**: minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil - O longo Caminho**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: <http://fenaj.web2015.uni5.net/wp-content/uploads/2014/06/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf>. Acesso em: 28 ago. 2016.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948, Paris, França. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>>. Acesso em 28 ago. 2016.

Métricas editoriais no jornalismo on-line: ética e cultura profissional na relação com audiências ativas

Lívia de Souza Vieira – Doutorado

Orientador: Rogério Christofoletti

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: métricas editoriais; jornalismo online; ética; audiências ativas.

A presente pesquisa tem como objeto de estudo as métricas editoriais no jornalismo on-line, com foco nas questões éticas e nas transformações na cultura profissional, visando à proposição de indicadores qualitativos para análise da audiência. Neste texto, vamos detalhar as escolhas dos conceitos de audiências ativas e métricas editoriais, fundamentais para a discussão teórica proposta.

Entender o comportamento da audiência é um desafio que se impõe ao jornalismo desde sua profissionalização. Do ponto de vista histórico, a Segunda Guerra Mundial, em 1944, foi um marco nos estudos que deram origem à Escola de Frankfurt e ao conceito de indústria cultural. Para Theodor Adorno e Max Horkheimer, rádio, cinema e jornais foram utilizados pelo nazismo como instrumentos de convencimento ideológico da população. Os autores veem nesse processo uma “subordinação da consciência à racionalidade capitalista” (RUDIGER, 2001, p. 138) e, conseqüentemente, à manipulação pelos meios de comunicação de massa.

A concepção linear do processo comunicativo (emissor > mensagem > receptor), predominante nos estudos de audiência relacionados à comunicação de massas, foi objeto de crítica dos culturalistas (*cultural studies*) a partir das décadas de 1980 e 1990. Hall afirma que “é sob a forma discursiva que a circulação do produto se realiza, bem como sua distribuição para diferentes audiências” (2009, p. 366). Dessa forma, os autores dos estudos culturais vão se concentrar no que os frankfurtianos tangenciaram: o processo de recepção pela audiência é, também, produtor de sentidos.

Croteau e Hoynes (1997) igualmente questionam as pesquisas que, durante muito tempo, compreenderam a mídia de massa como simples transmissora das ideias de grupos dominantes na sociedade para a população. Por isso, eles propõem a utilização conceitual do termo ‘audiência ativa’ ao invés de simplesmente ‘audiência’. “Audiência ativa apela para nossa crença na inteligência e na autonomia das pessoas”¹ (p. 230).

1 Tradução livre do original: “Active audience appeals to our belief in the intelligence and autonomy of people” (CROTEAU e HOYNES, 1997, p. 230).

Assim, os autores recomendam que a palavra seja usada no plural: audiências. Por termos a compreensão do receptor como um agente produtor de significados e por questionarmos o entendimento da audiência como uma massa amorfa, nesta pesquisa utilizaremos o termo ‘audiências ativas’. Dessa forma, consideramos que quem ouve ou recebe a mensagem tem um papel ativo no processo comunicativo, podendo, inclusive, interferir na apuração, produção e circulação dos produtos midiáticos.

O *Reuters Institute for the Study of Journalism* investigou como redações da Europa e da América do Norte têm usado as métricas (*analytics*). No estudo, os autores distinguem três tipos de métricas: rudimentar, genérica e editorial. No primeiro caso, há “alguns dados, mas pouca organização e cultura, além de não haver link sistemático para tomada de decisões” (CHERUBINI e NIELSEN, 2016, p. 19). Nas redações que utilizam as métricas de forma genérica, há “múltiplas ferramentas-padrão e organização e cultura em lugar de otimização de curto prazo” (idem). Por fim, no caso de métricas editoriais, há “ferramentas adaptadas, organização e cultura apoiam tomada de decisões na redação” (ibidem).

Neste contexto, há uma noção importante a partir do uso do termo ‘métricas editoriais’, em substituição a ‘métricas de audiência’. Conceitualmente, abordar as métricas sob o viés editorial, que inclui decisões qualitativas e específicas da produção jornalística nos parece mais adequado do que tratar esse assunto pensando apenas na audiência. O foco editorial coloca as métricas num patamar decisivo na rotina produtiva das redações, e não somente representa uma análise posterior ao comportamento da audiência transformado em números.

Referências

CHERUBINI, Federica; NIELSEN, Rasmus Kleis. **Editorial Analytics: how News media are developing and using audience data and metrics**. In Reuters Institute for the Study of Journalism (online), 2016.

CROTEAU, David; HOYNES, William. **Media/society: industries, images, and audiences**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MOSCO, Vincent; KAYE, Lewis. **Questioning the concept of the audience**. In HAGEN, Ingunn; WASKO, Janet. *Consuming audiences?: production and reception in media research*. Cresskill: Hampton Press, 2000.

RUDIGER, Francisco. **A escola de Frankfurt**. In Teorias da Comunicação, Hohlfeldt et al (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Parâmetros de seleção de conteúdo gerado pelo usuário em plataformas de jornalismo participativo

Evandro de Assis – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofoletti

Linha de Pesquisa: Tecnologia, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: jornalismo participativo; conteúdo gerado pelo usuário; jornalismo colaborativo; *gatewatching*.

Este trabalho analisa iniciativas jornalísticas digitais relativamente afastadas da cultura industrial em busca de respostas sobre dinâmica, práticas, normas e valores do jornalismo participativo. Especificamente, pretende-se compreender o processo produtivo geralmente mais fechado à participação do público (SINGER, *et al.*, 2011) nas redações tradicionais: a seleção dos conteúdos que receberão tratamento jornalístico. Quando mais pessoas têm condições de exercer influência direta sobre decisões jornalísticas, que parâmetros passam a fundamentá-las?

Os trabalhos de Singer (*et al.*, 2011) e Holanda (*et al.*, 2008) são oportunos pontos de partida para referências sobre as relações entre jornalistas, fontes e leitores no contexto de transformação das mídias industriais. Ao mesmo tempo, no ecossistema pós-industrial (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013) há “jornalismos” a serem compreendidos que apresentam ideologias, culturas, rotinas e organizações distintas daquelas historicamente apresentadas como fenômeno consensual pelo mercado e pela academia (DEUZE e WITSCHGE, 2015).

Interferências externas ao jornalismo renovam práticas cotidianas desde a observação da realidade, passando por seleção/filtragem, processamento (redação e edição), distribuição e interpretação (SINGER *et al.*, 2011, p. 18). Na análise de Harrison (2010) sobre impactos que conteúdos gerados pelo usuário geram nas decisões editoriais tomadas pela britânica BBC, surge inquietação que insere no problema aqui apresentado o componente dos critérios de noticiabilidade. Para a autora, a noção do que vale ser noticiado é “estendida” para abranger a diversidade de conteúdos gerados pelo usuário. Tais observações ajudam a estabelecer uma hipótese: em ambientes comunicativos abertos, onde o *gatekeeping* dá lugar ao *gatewatching* (BRUNS, 2011) e os jornalistas compartilham a primazia da notícia com os usuários, os critérios de noticiabilidade se reconfiguram para dar conta das mudanças estruturais inerentes.

A definição do objeto empírico enfrenta a dificuldade de não existirem muitas plataformas que reúnam os três aspectos necessários para análise: que tenham o fim específico de

produzir jornalismo, sejam relativamente afastadas da cultura industrial e cujos processos de seleção estejam abertos à interferência direta de não profissionais. Trata-se de fenômeno relativamente recente e, até onde pesquisa exploratória preliminar conseguiu alcançar, sem representantes no Brasil. Até o momento, a norte-americana Hearken é a que melhor atende aos requisitos estabelecidos. Trata-se de empresa cujo produto principal é um *software* para gestão do jornalismo participativo em redações digitais.

O estudo de caso será a estratégia metodológica adotada para abordar o objeto proposto. Conforme Yin (2001, p. 19), pedem estudos de caso “questões do tipo ‘como’ e ‘por que’, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”. Dentre os procedimentos para obtenção de dados, serão adotadas entrevistas em profundidade com profissionais envolvidos na seleção dos conteúdos gerados pelo usuário e observação participante das plataformas escolhidas.

Espera-se que o material coletado permita identificar parâmetros editoriais que fundamentam a seleção dos conteúdos, para, então, sistematizá-los à luz das teorias da notícia. Dos resultados podem surgir novas questões relacionadas à técnica e à deontologia profissional no ecossistema pós-industrial de comunicação.

Referências

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. O jornalismo pós-industrial: Adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo Espm**, São Paulo, p. 30-89, abr. 2013. Disponível em: <http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf>. Acesso em: 18 set. 2016.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: Novos desafios para o Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 7, n. 11, p.119-140, 2011. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/342>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. **Leituras do Jornalismo**. Ano 2, Vol. 2, N. 4. Jul./Dez., 2015.

HARRISON, Jackie. User-generated content and gatekeeping at the BBC. **Journalism Studies**, v. 11, n. 2, p. 243-256, abr. 2010.

HOLANDA, André et al. Metodologias de pesquisa em jornalismo participativo no Brasil. **Brazilian Journalism Research: versão em português**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 57-76, 2008. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/164>>. Acesso em: 18 set. 2016.

SINGER, Jane B. et al. **Participatory Journalism: Guarding open gates at online newspapers**. Chichester: Wiley-blackwell, 2011. p. 227.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Valores éticos em atos de jornalismo: uma análise de três coletivos de amadores

Dairan Mathias Paul – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofoletti

Linha de Pesquisa: Tecnologia, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: ética jornalística; atos de jornalismo; amadores; ética integrada de mídia.

Amadores filmam acidentes, deparam-se com furos de notícia, cobrem manifestações e organizam grupos. De alguma forma, estão engajados em formas de jornalismo que não são necessariamente aquelas que presenciamos cotidianamente, seja porque não são, propriamente, práticas jornalísticas, ou porque tensionam e reconfiguram valores clássicos da profissão.

Buscamos compreender o amador como um sujeito que pode cometer atos de jornalismo – um dos conceitos norteadores de nossa pesquisa. Nossas questões giram em torno dos aspectos éticos que mobilizam esses atores durante tais práticas. Quais são as suas preocupações? Há uma zona de valores compartilhados entre jornalistas e não-jornalistas? É possível pensarmos em uma ética aberta à participação de amadores? É coerente cobrarmos deveres éticos de pessoas que não são profissionais? É, ainda, desejável fazer comparações entre quem não tem formação específica na área e quem possui?

Sendo assim, o problema de pesquisa que orienta essa dissertação busca responder a seguinte pergunta: de que forma os valores éticos mobilizados por amadores nos permitem rediscutir uma ética jornalística? Temos, portanto, como objetivo geral refletir sobre a pertinência de se considerar uma ética jornalística aberta, que inclua não-jornalistas, a partir do conceito de “ética de mídia integrada” (WARD, 2015), por meio do estudo dos coletivos Carranca (RJ), Mídia Independente Coletiva (RJ) e O Mal Educado (SP).

Trabalhamos com a hipótese de que o jornalismo, ao se configurar como uma prática social que atravessa o campo profissional, pode também “contagiar” os valores dos atos de jornalismo realizados por não-jornalistas. Portanto, ainda que tenha uma ética própria que mobiliza valores individuais, mas tensionados à uma deontologia, certas crenças a respeito do jornalismo podem ser compartilhadas com os demais amadores, também guiando as suas condutas – mesmo que estes, preponderantemente, mobilizem crenças subjetivas.

Para tratarmos de uma ética jornalística que considere também a produção amadora, concebemos o jornalismo como uma prática social (DOMINGO & LE CAM, 2015; WARD, 2015), o que nos permite inferir que amadores, também, podem cometer atos de jornalismo (STEARNES, 2013). Sustentamos como pressuposto que é possível discutir uma ética para ama-

dores a partir do “alargamento” da ética jornalística, com base em Ward (2015) e Couldry (2010), além dos questionamentos de Heinderyckx (2009), Radojkovic (2010), Christofoletti (2014) e Costa e Silva (2014).

Metodologicamente, realizaremos entrevistas em profundidade com os membros dos coletivos analisados. Incluímos, também, o uso de técnicas da psicologia cognitiva para testar o desenvolvimento moral desses sujeitos, a exemplo das pesquisas de Coleman e Wilkins (2004) e Plaisance (2014) com jornalistas. Tendo em mãos as respostas dos entrevistados e, hipoteticamente, o seu “grau” de desenvolvimento moral, pretendemos tensionar os dados com valores clássicos do jornalismo e categorizar o que há de novo ou não nos princípios éticos que influenciam a conduta de amadores.

Referências

COSTA E SILVA, E. A (não) regulação da blogosfera: a ética da discussão online. **Comunicação e Sociedade**, v. 25, p. 236/252-251/266.

COLEMAN, R.; WILKINS, L. The moral development of journalists: a comparison with other professions and a model for predicting high quality ethical reasoning. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 81, n. 3, p. 511-527, 2004.

CHRISTOFOLETTI, R. Preocupações éticas no jornalismo feito por não-jornalistas. **Comunicação e Sociedade**, v. 25, p. 267/278-277/288, 2014.

COULDRY, N. Media ethics: towards a framework for media producers and media consumers. In: WARD, S.; WASSERMAN, H. **Media Ethics Beyond Borders: a global perspective**. New York/London: Routledge, 2010.

DOMINGO, D.; LE CAM, F. Journalism beyond the boundaries: the collective construction of news narratives. In: CARLSON, M.; LEWIS, S. **Boundaries of journalism: professionalism, practices and participation**. New York: Routledge, 2015.

HEINDERYCKX, F. Journalism ethics in the age of para-journalism. In: CARPENTIER, N. et al. **Communicative approaches to politics and ethics in Europe**. Tartu University Press, 2009.

PLAISANCE, P. Virtue in the media: the moral psychology of U.S. exemplars in News and Public Relations. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 91, n. 2, p. 308-325, 2014.

RADOKOVIC, M. Citizen journalism: a new form of communication or a new global risk. In: SURCULIJA, J (ed.). **Sloboda Izrazavanja na Internetu/Freedom of Expression on the Internet**. Belgrade: Center for Internet Development, 2010

STEARNS, J. **Acts of journalism: defining Press Freedom in the digital age**. FreePress, 2013.

WARD, S. **Radical media ethics: a global approach**. Wiley Blackwell, 2015.

JORNALISMO, IMAGEM E INFOGRAFIA

A infografia no jornalismo imersivo: dinâmicas expressivas em direção de um novo estágio evolutivo

William Robson Cordeiro

Jornalismo imagético: produção de fotojornalismo na transição do impresso para web

Silvio da Costa Pereira

A infografia no jornalismo imersivo: dinâmicas expressivas em direção de um novo estágio evolutivo

William Robson Cordeiro – Doutorado

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Raquel Ritter Longhi

Linha de Pesquisa: Tecnologias, linguagens e inovação no jornalismo

Palavras-chave: infografia; jornalismo; jornalismo imersivo; infográficos imersivos; hipermídia.

Os quase 20 anos de jornalismo online têm apresentado uma evolução dos formatos noticiosos com fortes qualidades expressivas, que incidem na reportagem e na sua apresentação para a audiência. São modelos que se renovam e se caracterizam por gêneros jornalísticos específicos no ambiente da internet com amplo potencial de contar histórias (MEIRELLES, 2013, p. 11), de forma não encontrada em outros suportes. Na década de 2000, o destaque foi para os especiais multimídia, os *slides-shows* e as produções desenvolvidas com a utilização do *software Flash*. Este período de novidades e experimentações no jornalismo também foi significativo para os infográficos enquanto gênero narrativo no ambiente *online*.

A partir deste contexto no jornalismo, pressupomos que o infográfico apresenta perfil dinâmico, experimenta um constante movimento no formato, com fortes características expressivas e com amplo potencial narrativo e de imersão. Um cenário que instiga para uma investigação não apenas do processo evolutivo deste formato, mas acerca de seu comportamento na hipermídia.

A infografia (gênero que se propõe a gerar representações de eventos, de acontecimentos, considerando o uso de diagramas, de desenhos, da linguagem iconográfica) é uma das ferramentas que, progressivamente, recorre aos elementos de multimedialidade e promove o surgimento de “profissionais relacionados com esta forma para que os usuários interatuem com as novas tecnologias” (CAIRO, 2008, p. 63). A sua dinâmica baseia-se nas mudanças de estrutura dos infográficos. São saltos, retratados historicamente como “estágios evolutivos” que sugerem tal dinâmica. São três os estágios pesquisados até o momento, do estático à base de dados.

A classificação destes estágios ainda não contempla as infografias jogáveis (*playable infographics*), em 3D, 360 graus ou realidade virtual, o que abre precedente para investigarmos um provável quarto estágio que possa abarcar estes novos exemplos de caráter imersivo. É este o objetivo principal da pesquisa: observar as nuances atuais do infográfico jornalístico, que não encontram ancoragem nas categorias apresentadas até aqui e que possam estabelecer um novo estágio evolutivo. Embora sejam modelos que poderiam ser simplesmente

considerados “infográficos para a internet” (classificáveis no segundo estágio), neste caso, observamos maior complexidade, diante das maiores potencialidades de imersão.

Esta proposta de uma nova categoria evolutiva tem o intuito de apontar experimentações que surgiram historicamente, para que se entenda a natureza destes estágios a partir de um mapeamento diacrônico, até o momento atual que afeta mais fortemente formatos, produtores e usuários. Estes últimos, colocados diante de uma participação cada vez mais efetiva quanto às potencialidades de imersão. Além disso, contribuir com o campo jornalístico no tocante aos estudos deste modelo de linguagem imersiva que se apresenta multivariado.

Uma evolução no formato, neste caso, também remete ao processo denominado de “transe imersivo”, a capacidade de transpor-se para outro ambiente, vivenciando um mundo virtual também realisticamente apresentado. O termo foi aplicado por Murray (2003, p. 102), especialmente para os games, e oferece a analogia de adentramento a um “mundo encantado”, em que o computador surge como extensão da consciência, um deslocamento simulativo que necessita do usuário a experiência da imersão, uma alusão ao mergulho no oceano. Ou seja, “aprender a fazer coisas que o novo ambiente torna possível”.

Como Longhi (2009, p. 188) aponta, a infografia enquadra-se como linguagem a partir da ideia de “fusão conceitual”, baseada na combinação de formas distintas de expressões (ou, por que não citar gêneros?) em um mesmo ambiente. Cada uma destas formas é compreendida por Sancho (2009) como “infograma”. Para o autor, “a infografia será a informação central que faz possível à unidade de conteúdo e os infogramas aqueles desenhos ou textos que se acessa por sistemas de navegação que são uma parte pequena, mas essencial no conteúdo, embora insuficientes como para entender a informação completa” (SANCHO, 2009, p. 562).

A metodologia trata-se, a princípio, de uma combinação dos métodos de pesquisa exploratória (MARCONI E LAKATOS, 1996) – que implica em revisão bibliográfica para o levantamento histórico e recolha dos exemplos de infográficos a serem considerados – e de estudos de casos múltiplos (YIN, 2001).

Referências

CAIRO, Alberto. **Infografia 2.0** - visualización interactiva de información en prensa. Madrid: Alamt, 2008.

LONGHI, Raquel Ritter. **Infografia on-line: narrativa intermídia**. In: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009. Florianópolis, Ano VI. N. 1. p. 187-196.

MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 3a. edição. São Paulo: Atlas, 1996.

MEIRELLES, Isabel. **Design for Information: An Introduction to the Histories, Theories,**

and Best Practices Behind Effective Information Visualizations. Beverly, MA: Rockport Publishers, 2013.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. Tradução: Elissa Khoury Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

SANCHO, José Luis Valero. El relato en la infografía digital. In: DÍAZ NOCI, Javier e ALIAGA, Ramón Salaverría. **Manual de Redacción Ciberperiodística**. Ariel, Barcelona, 2009.

YIN, ROBERT K. **Estudo de Caso** – Planejamento e Métodos. (2ª ed.). Porto Alegre; Bookman, 2001.

Jornalismo imagético: produção do fotojornalismo na transição do impresso para a web

Silvio da Costa Pereira – Doutorado

Orientadora: Prof^ª Dr^a Raquel Ritter Longhi

Coorientadora: Prof^ª Dr^a Cárilda Emerim

Linha de Pesquisa: Tecnologias, linguagens e inovação no jornalismo

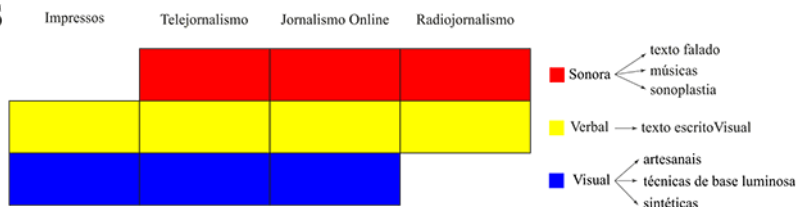
Palavras-chave: fotojornalismo; imagem técnica; impresso; internet; transição.

A fotografia é criada na primeira metade do século XIX, e logo incorporada ao jornalismo. Inicialmente utilizada apenas como base para as ilustrações em função da limitação técnica, ela passa a ser impressa massivamente nos periódicos a partir do início do século XX. Essa mudança na tecnologia de produção de imagens traz consigo uma transformação na forma de empregar as imagens, e conseqüentemente promove uma transformação nos usos do discurso visual. Se a gravura, ao representar o real de forma verossímil sem tentar registrá-lo realisticamente “respondeu perfeitamente ao regime de verdade da sociedade oitocentista em relação às imagens vinculadas às notícias entre as décadas de 1840 e 1900” (COSTA, 2012, p. 308), a fotografia passa a ser utilizada no jornalismo por sua força mimética, base da expressão documental que lhe fazia ser compreendida como o ‘lápiz da natureza’.

Ao longo do século XX, e apesar da expansão na compreensão teórica acerca da imagem fotográfica, a simplicidade da mimese e da gênese automática continua a capitanear o entendimento dos jornalistas acerca dos usos e funções do fotojornalismo. Só que isso tem se mostrado insuficiente e limitado para compreender os usos híbridos e simbólicos que vem sendo feitos das imagens técnicas no jornalismo contemporâneo.

Nosso estudo parte da constatação dessa complexificação da produção, da circulação e do consumo de imagens técnicas pelo jornalismo, bem como da observação de que a tradicional divisão do jornalismo por mídias de veiculação não somente deixa de fazer sentido com o uso da internet como também difere da categorização que origina a noção clássica de fotojornalismo, que é a do jornalismo feito com fotografias. Assim propomos (LONGHI e PEREIRA, 2016) a compreensão do fotojornalismo como fornecedor de imagens técnicas de base luminosa e suas derivações para o jornalismo (figura 1).

ÁREAS



MATRIZES

FONTE: LONGHI e PEREIRA, 2016.

FIGURA 1 – A compreensão do fotojornalismo como o fornecedor de imagens técnicas para o jornalismo passa também pelo entendimento de que o jornalismo é feito a partir de três matrizes de linguagem: sonora, verbal e visual (SANTAELLA, 2005).

Propomos também que a fotografia seja compreendida em um sentido lato, abrangendo o que chamamos de fotografia estática, animada e dinâmica. Por fotografias estáticas compreendemos aquelas imagens técnicas nas quais o conteúdo visual do quadro é idêntico a si próprio ao longo do tempo. Por fotografia dinâmica entendemos aquelas nas quais o conteúdo visual do quadro se modifica ao longo do tempo sem a intervenção do espectador. E por fotografia animada compreendemos aquelas nas quais quase tudo se mantém estático, mas onde há movimentos sutis, breves e focados. Tal divisão nos parece útil para refletir sobre os diversos pontos que podem existir sobre a curva que liga as noções tradicionais de fotografia (fotografias estáticas) e vídeo/cinema (fotografias dinâmicas).

Além da dicotomia estático-movimento, nosso olhar para as imagens técnicas que são utilizadas pelo jornalismo contemporâneo busca abordar também a dicotomia objetividade-subjetividade, a qual nos parece merecer uma compreensão que vá além dos extremos como instâncias isoladas. Uma visão que considere as influências dos diversos sujeitos enunciativos do discurso visual nos objetos fotográficos, bem como que leve em conta a complexa trama icônica, indicial e simbólica das fotografias (PEREIRA, 2016) vem merecendo nossa atenção, e faz parte do contexto teórico com o qual pretendemos analisar os objetos empíricos de nossa pesquisa.

Nosso percurso passa também por uma discussão acerca da compreensão de jornalismo, principalmente no que diz respeito ao uso de tais imagens técnicas de base luminosa e suas hibridações. Nos parecem cruciais questões ligadas às possibilidades narrativas e aos limites éticos.

Referências

COSTA, H. A invenção da revista ilustrada. In: COSTA, Helouise e BURGI, Sérgio (orgs). **As origens do fotojornalismo no Brasil - um olhar sobre O Cruzeiro (1940/1960)**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

LONGHI, R. R. e PEREIRA, S. C.. Uma proposta de categorização do fotojornalismo contemporâneo. In: **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo, 2016. Disponível em <http://migre.me/vD9OJ>. Acesso em 16/11/2016.

PEREIRA, S. C.. Uma breve reflexão sobre a objetividade no fotojornalismo. In: **Anais do 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Palhoça (SC), 2016. Disponível em <http://migre.me/vD9PN>. Acesso em 16/11/2016.

SANTAELLA, L.. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia**. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras: Fapesp, 2005.

TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E ESTRATÉGIAS NO JORNALISMO

Comunicação Organizacional, Jornalismo e Inovação: análise da comunicação sobre o Sapiens Parque

Ana Luisa Funchal

Pesquisa de Tendências como estratégia de inovação no jornalismo

Ana Marta M. Flores

O uso de Sistemas de Gerenciamento de Conteúdo por jornalistas: apontamentos para um modelo adequado às demandas do jornalismo contemporâneo

Frederico S. M. de Carvalho

Jornalismo, Comunicação Organizacional e Inovação: análise da comunicação sobre o Sapiens Parque

Ana Luísa Funchal Oliveira – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo; comunicação organizacional; Sapiens Parque; assessoria de imprensa; desenvolvimento tecnológico.

O desenvolvimento tecnológico é visto pelos governos como alternativa para o desenvolvimento econômico e social das nações na Era do Conhecimento. A implementação de Parques Tecnológicos (PT), então, é dada como Política Pública de Desenvolvimento Científico em iniciativas públicas ou público-privadas, gerando assim interesse público. Partindo de uma análise crítica, típica da fase contemporânea (VEDOVELLO; MARTINS; MACULAN, 2006), muitos empreendimentos de parques são contestados enquanto sua eficácia – alto aporte de investimento, lento retorno e a falta de sistemas de avaliação da política aplicada –, sua implementação simbólica a partir de emulações de experiências de sucesso em países desenvolvidos sem relação com as realidades locais (DAGNINO; SILVA, 2009) e até pelo seu uso político (VEDOVELLO; MARTINS; MACULAN, 2006).

Ao mesmo tempo, o campo da comunicação tem se modificado, principalmente, nas relações entre jornalistas e profissionais de assessorias de comunicação, e quanto às rotinas jornalísticas e o relacionamento da redação e o leitor. Dessa maneira, a pesquisa pretende analisar a relação entre a comunicação organizacional e o jornalismo em relação à tecnologia e à inovação no caso da implementação do Parque Tecnológico Sapiens Parque de Florianópolis, Santa Catarina, a partir da seguinte pergunta de pesquisa: como é construída a comunicação produzida pelo Sapiens Parque e como ela se relaciona com a cobertura jornalística sobre o tema?

Fundamental nessa abordagem é o conceito de comunicação pública com base referencial de Pierre Zémor e sua obra *La communication publique* de 1995, que interpreta a comunicação enquanto forma de legitimar o interesse comum, feita de maneira bidirecional – a troca entre interlocutores – e tendo como objetivo a tomada de consciência do cidadão. Para Brandão (2012) a palavra “público” deste conceito ultrapassa a dicotomia público x privado e se relaciona mais à sociedade. Já a comunicação organizacional pode se apresentar de distintas formas (DEETZ, 2010), embora todas representem estratégias de comunicação (LOCATELLI, 2011). Uma delas uma comunicação unidirecional, mais interessada em buscar visibilidade e legitimação de suas atividades no meio jornalístico (MONTEIRO, 2012). Por isso a importância que as organizações dão ao trabalho da Assessoria de Imprensa para mobilizar produtores de notícia em torno de uma pauta, o que representa uma oportunidade de inserção da organização em veículo de massa (SARTOR, 2010, p. 135).

Além da visibilidade, a Organização como pauta jornalística também valida as próprias ações da instituição por tomar para si os valores que são próprios e reconhecidos do campo do Jornalismo, como, credibilidade e o regime de transparência (LOCATELLI, 2011). Mas também é fundamental entender o processo de produção jornalística e suas características (TRAQUINA, 2004), uma vez que o jornalismo também compreende um gênero discursivo que abarca em si uma intenção (MOTTA, 2006).

Os valores da ética profissional jornalística, a objetividade e imparcialidade buscada e difundida como ideal da profissão, naturalizam o processo da atividade jornalística e acabam por restringir representações sociais reforçando posições já existentes.

Referências

BRANDÃO, Elizabeth P. Conceito de comunicação pública. In.: DUARTE, Jorge (Org.) **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2012.

DAGNINO, Renato; SILVA, Rogério Bezerra da. **Polos e Parques de Alta Tecnologia: Uma Alternativa? Planejamento e políticas públicas / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Brasília, n. 33, p. 145-171, 2009.

DEETZ, Stanley. Comunicação Organizacional: fundamentos e desafios. In.: MARCHIORI, Marlene (Org.) **Comunicação e Organização: reflexões, processos e práticas**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010.

LOCATELLI, Carlos. **Comunicação e barragens: O poder da comunicação das organizações e da mídia na implantação da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó (Brasil)**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), Faculdade de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MONTEIRO, Graça França. A singularidade da comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (Org.) **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A pragmática da notícia. In: MOTTA, L.G. **Notícias do Fantástico**. São Leopoldo: Unisinos, p. 17-52, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.

SARTOR, Basílio A. **Assessoria de imprensa e visibilidade: a imagem-conceito das organizações no incontrolável domínio da notícia**. Revista Conexão-Comunicação e Cultura. Caxias do Sul: v. 7, n. 14, jul./dez. 2008.

VEDOVELLO, C.A JUDICE, V.M.M; MACULAN, A.D. Revisão crítica às abordagens a parques tecnológicos: alternativas interpretativas às experiências brasileiras recentes. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 103-118, 2006.

Pesquisa de Tendências como estratégia de inovação no jornalismo

Ana Marta M. Flores – Doutorado

Orientadora: Prof^a Dr^a Raquel Ritter Longhi

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: pesquisa de tendências; estudos de tendências; jornalismo; inovação.

A inovação no jornalismo pode se dar de várias formas, seja como processo, produto, linguagem ou, ainda, em modelos de negócio e nos modos de distribuição de notícias. Contemporaneamente, inovar não é mais mera opção da atividade. As constantes remodelagens e exercício de tentativa e erro de veículos de mídia, observadas especialmente na última década, indicam um cenário em adversidade. Entre as possibilidades de inovação, propomos o uso das técnicas de Pesquisa de Tendências para contribuição de características inovativas no jornalismo e, conseqüentemente, de maior aceitação de seus produtos.

Para isso, retomamos o conceito de inovação (SCHUMPETER, 1985; DRUCKER, 2002; O’SULLIVAN, DOOLEY, 2009; KOULOPOULOS, 2011) seguido da conceituação de Jornalismo de Inovação (MACHADO, 2010; FRANCISCATO, 2010; FLORES, 2016) para compreender o cenário atual do jornalismo. Trazemos também definições de tendências de consumo, com ênfase na acepção contemporânea do termo: um direcionamento em curso dos movimentos culturais. “Em larga escala, uma tendência pode definir como a direção em que algo (que pode ser qualquer coisa) tende a se mover e que tem seu conseqüente efeito na cultura, na sociedade ou no setor empresarial em que se desenvolve” (RAYMOND, 2010, p. 14, tradução nossa).

Partimos da compreensão de que a experiência de ler ou interagir com o conteúdo jornalístico, em quaisquer plataformas, é um ato de consumo. Consumir está intrinsecamente ligado à cultura e aos hábitos de um grupo de pessoas. Concordamos com Michael R. Solomon (2008) quando afirma: “As escolhas de consumo simplesmente não podem ser compreendidas sem que seja considerado o contexto cultural em que são feitas: a cultura é a ‘lente’ através da qual as pessoas veem os produtos” (SOLOMON, 2008, p. 562).

Nesse sentido é que a proposta de compreender os hábitos de consumo através da Pesquisa de Tendências sugere cingir um conteúdo para além do quantitativo, com características qualitativas e mais profundas do ambiente em que o público está ou estará inserido.

A Pesquisa de Tendências é um conjunto de técnicas multidisciplinares variável oriunda e aplicada majoritariamente no mercado. Além disso, os processos e técnicas utilizados não obedecem um padrão único e os *bureaux* de tendências, detentores das metodologias, não são transparentes quanto à aplicação e resultados brutos. Quando propomos a Pesquisa

de Tendências sob uma perspectiva acadêmica, ainda que com o intuito de aplicação mercadológica posterior, os Estudos de Tendências como concentração são uma proposta interessante para teste no campo jornalístico. Partiremos do modelo *Trends to Innovation* – T2Y (FRANCISCO, GOMES, 2013; 2015) que combina múltiplas metodologias de investigação das áreas econômicas, bem como das ciências socioculturais. Quanto à metodologia, faz-se necessário pontuar dois aspectos fundamentais para a compreensão deste trabalho: (1) a metodologia aplicada na pesquisa e (2) a metodologia proposta pela pesquisa. A metodologia utilizada na tese reunirá ferramental da pesquisa qualitativa e pesquisa aplicada ao jornalismo, ainda em fase de replanejamento. Já a metodologia proposta pela pesquisa é um dos objetivos da tese, ao apresentar um modelo já testado de Pesquisa de Tendências com foco no jornalismo. A proposta é realizar fases de pré-testes com a metodologia T2Y em busca de uma adequação ao campo jornalístico e suas necessidades ao considerar a inovação também como processo interno nas empresas.

A metodologia T2Y (Fig. 1) apresenta etapas como Análise Cultural, Observação, interrogação e intuição, Coolhunting, Etnografia, Desk Research, Zeitgeist Segmentation Model (ZSM). E, ainda, Análise PEST (Política, Economia, Social e Tecnológica), que enquadra fatores macro-ambientais na gestão estratégica de empresas, também empresta elementos da Semiótica, do Design Thinking e Gamificação, para citar algumas áreas interdisciplinares avaliadas na Pesquisa de Tendências.

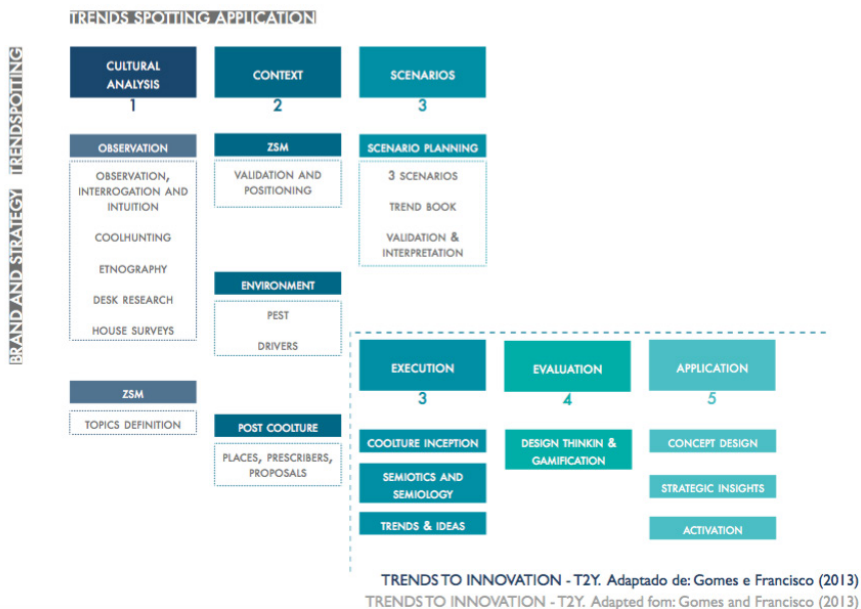


Fig. 1 – Esquema da série de técnicas aplicadas na T2Y (GOMES, FRANCISCO, 2015).

Como o público estará consumindo notícias? Em quais plataformas ou em quais abordagens? De que forma as redes sociais, hoje protagonistas em um cenário convergente na circulação noticiosa, figurarão no jornalismo? Quais formatos jornalísticos terão mais aderência ao público? Interpelações como essas nortearão os problemas de pesquisa e a configuração da proposta metodológica. Ter respostas embasadas para questionamentos como esses poderão não apenas contribuir para a sustentabilidade econômica da atividade como também encontrar um equilíbrio entre a demanda social, o mercado e os cânones do jornalismo de qualidade.

Referências

CALDAS, Dario. **Observatório de Sinais** – Teoria e prática da pesquisa de tendências. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.

DRUCKER, P.F. **Innovation and Entrepreneurship** – Practice and Principles. New York: Harper & Row Publishers, 2002.

FLORES, A. M. M. **Jornalismo, Público e Futuro**: ensaios para um novo tempo jornalístico. In: Anais XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. PUCPR: Curitiba, 2016.

FRANCISCATO, C. E. **Uma proposta de incorporação dos estudos sobre inovação nas pesquisas em jornalismo**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 8-18, abr. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/J0DzUC>>. (Acesso em: maio de 2016).

GOMES, N.P., FRANCISCO, A.F. **Introdução aos Estudos de Tendências**: Conceitos e Modelos. TRC – Trends Research Center/ BeyondUniverse: Estoril, 2013.

KOULOPOULOS, T. **Inovação com resultado**: o olhar além do óbvio. São Paulo: Editora Gente/Editora Senac São Paulo, 2011.

MACHADO, E. **Creatividad e innovación en el periodismo digital**. In: Actas II Congreso Internacional de Cyberperiodismo y Web 2.0. Bilbao: Universidad del País Vasco. p. 64-72, 2010.

RAYMOND, M. **Tendencias**: que són, como indentificarlas, en qué fijarnos, como leerlas. Londres: Promopress, 2010.

SCHUMPETER, J.A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

O uso de Sistemas de Gerenciamento de Conteúdo por jornalistas: apontamentos para um modelo adequado às demandas do jornalismo contemporâneo

Frederico S. M. de Carvalho – Mestrado

Orientadora: Prof^ª Dr^a Rita de Cássia Romero Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: SGC; design centrado no usuário; arquitetura de informação; usabilidade.

Consolidado na terceira fase evolutiva do jornalismo online¹, o uso de sistemas de gerenciamento de conteúdo (SGC) na produção e difusão de informação jornalística continua provocando um embate nas redações, entre profissionais independentes e na academia. Há estudos que buscam apresentar as melhores formas de apresentação de um SGC, modelos teóricos e práticos, como o sistema publicador Panapticon (SHWINGEL, 2005) ou Projeto Largo (O'DONAVAM, 2013), desenhados especificamente nas práticas jornalísticas. Porém, acompanhar as mudanças do fazer jornalismo e das tecnologias que ficam à disposição dos profissionais é um trabalho complexo e causa um descompasso das ferramentas em relação às novas necessidades e práticas.

Os impactos da convergência digital sobre o trabalho dos jornalistas são objeto de grande número de estudos. Os investigadores têm se dedicado a problemas que se referem tanto ao discurso jornalístico (efeitos da convergência sobre temas e narrativas), quanto aos processos de produção (efeitos sobre estratégias de apuração e sobre organização do trabalho). Nesse último aspecto, destacam-se a imposição da multifuncionalidade, a precariedade dos vínculos de contratação, a juvenilização da categoria, entre outros impactos (MICK, 2015, p. 19).

A informação organizada nas áreas administrativas dos SGCs usualmente utilizam termos mais familiares aos desenvolvedores dos sistemas do que aos profissionais da redação, fazendo com que os profissionais se apropriem de ferramentas para composição e publicação, incorporando práticas que antes ficavam restritas àquele específico em vez de favorecer aos que fazem uso do SGC (Gruszynski; Sanseverino, 2014).

Os SGCs trazem taxonomias e lógicas de arquitetura sustentadas no conhecimento de desenvolvedores, preocupados mais com a eficácia do produto e funcionalidade do que com a definição de terceira e quarta geração apresentada pela pesquisadora Carla Schwingel traz detalhes do que Milnieczuk (2003) apresenta como uma automação produtiva. Schwingel (2005) discorre sobre o uso de ferramentas de publicação de conteúdo como elementos-chave desse processo evolutivo, diferenciando-as do que seria a origem dos publicadores – os blogs – e trazendo à tona as ferramentas que pudessem ser utilizadas mais especificamente para a produção noticiosa, alvos deste trabalho.

o usuário final da ferramenta, obrigando-os a adequarem-se ao modelo, um design centrado no objeto em vez de centrado no usuário (DCU). A evolução dos sistemas de gerenciamento de conteúdo e as possibilidades de aplicação de diversas mídias para difusão de informação jornalística deixam clara a dificuldade de um único sistema sustentar todas as possibilidades de trabalhos realizados por um empreendimento jornalístico. No entanto, há uma preocupação focada na quantidade de recursos que o SGC pode fornecer – plugins² e responsividade³, por exemplo –, em vez de quão bem ele pode exercer a função para a qual é proposto (THOMPSON, 2011) e sem considerar a interação do profissional com o sistema.

Desta forma, busca-se propor uma estrutura de SGC que corresponda às variações de processos de produção da informação jornalística e requisitos apontados por jornalistas. Visando uma abordagem técnica para a análise de experiência do usuário e usabilidade de sistemas de gerenciamento de conteúdo, a apresentação inicial dos objetos desta pesquisa será por meio de estudo de caso – jornal Notícias do Dia, Coletivo de Jornalismo Maruin, Jornal Diário Catarinense e portal Catarinas.

Adotando-se rotinas de entrevista padronizada – com complementação despadronizada quando necessário – e aplicação de questionários semi-estruturado aos usuários dos sistemas pesquisados, serão apresentados dados quantitativos e qualitativos de acordo com as respostas adquiridas na coleta de impressões particulares e considerações baseadas nos pré-requisitos apresentados pelas heurísticas de Nielsen (1995) com adaptação focada no processo.

Referências

GRUSZYNSKI, Ana C. SANSEVERINO, Gabriela. Processos de produção e design editorial multiplataforma: um olhar sobre o jornal Zero Hora. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**, Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, v.8, n. 2. Dezembro 2014.

MARCOTTE, Ethan. **Responsive Web Design**. A List Apart, 2010.

MICK, Jacques. Trabalho jornalístico e convergência digital no Brasil: um mapeamento de novas funções e atividades. **Revista Pauta Geral** – Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, Vol.2, Nº 1 p. 15-37, Jan/Jun, 2015.

NIELSEN, Jacob. **10 Usability Heuristics for User Interface Design**. Nielsen Norman Group, 1995. Disponível em: <<https://www.nngroup.com/articles/ten-usability-heuristics/>>. Acesso em: 1/3/2016.

O'DONOVAN, Caroline. **Project Argo, meet Project Largo**: open source code finds new use in the sites of nonprofit news orgs. Nieman Journalism Lab, 2013.

² Software que pode ser instalado para ampliar as capacidades de um sistema em funcionamento. (PC MAGAZINE, 2016)

³ Termo cunhado no desenvolvimento de sistemas pelo desenvolvedor e designer Ethan Marcotte, que inspirado na arquitetura responsiva, apresentou soluções de respostas aos requisitos de diferentes dispositivos – computador, celular... (MARCOTTE, 2010).

PC MAGAZINE. **Encyclopedia**, Definition of: Plug-in. The Computer Language Company Inc., 2016. Disponível em: < <http://www.pcmag.com/encyclopedia/term/49395/plug-in>>. Acesso em: 28 novembro 2016.

SCHWINGEL, C. Jornalismo Digital de Quarta Geração: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no Jornalismo Digital. In: **Compós**, 2005, Niterói. CD ROM Compós, 2005.

THOMPSON, Matt. **4 Ways Content Management Systems are Evolving and Why It Matters to Journalists**. Digital Strategies, Poynter, 2011.

ROTINAS DO JORNALISMO

Prioridade ao digital: convergência nos jornais espanhóis El País e El Mundo

Alexandre Lenzi

Mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas: impactos sobre as rotinas e a qualidade da informação

Janara Nicoletti

Prioridade ao digital: convergência nos jornais espanhóis *El País* e *El Mundo*

Alexandre Lenzi – Doutorado

Orientadora: Prof^ª Dr^a Raquel Ritter Longhi

Linha de pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: convergência; multimídia; jornalismo.

Os jornais espanhóis *El País* e *El Mundo* vivem um novo momento no contexto de convergência. Diante da crescente popularização da internet e favorecidos pelo amplo alcance do idioma espanhol também fora da Espanha, ambos passam a priorizar a publicação de conteúdos em suas respectivas plataformas online, em busca de um alcance cada vez mais global. Estas são algumas das informações coletadas em visita às redações dos dois jornais, em Madri, em outubro de 2016, como parte de pesquisa de doutorado em andamento.

A convergência da qual tratamos aqui é aquela entendida, citando Ramón Salaverría (2008), como:

(...) um processo multidimensional que, facilitado pela implantação generalizada das tecnologias de telecomunicações digitais, afeta os âmbitos tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desintegrados, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que são distribuídos por meio de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma (SALAVERRÍA, 2008, p. 404, tradução livre).

A equipe do jornal *El País* é a que está mais adiantada no propósito de além de um jornal impresso de referência na Espanha, se consolidar como uma marca digital de alcance global, como observado em visita à redação no dia 19 de outubro de 2016, quando foram entrevistados seis profissionais, entre eles o diretor adjunto David Alandete. Em maio de 2016 foi dado início ao processo batizado como “transformação do *El País*”, que deixa claro a prioridade à produção para as plataformas online em relação ao conteúdo impresso.

A equipe de repórteres passou a produzir diariamente material pensado especialmente para o site, buscando explorar sempre que possível a linguagem multimídia. E uma equipe de editores, exclusiva do impresso, adapta o material produzido ao longo do dia para a edição em papel publicada no dia seguinte.

Outra mudança foi o estabelecimento de horários fixos para renovação da homepage: às 8h, às 14h e às 20h, com o objetivo de transportar para o digital o conceito de deadline, consolidado na rotina do jornal impresso. Além destas renovações pré-determinadas, o site também é renovado de acordo com notícias imprevistas ao longo do dia, independentemente do horário.

O jornal busca inovar, ainda, em novos formatos de reportagens publicadas na internet e que também são devidamente adaptadas para o impresso. Um exemplo recente foi *Fukushima, vidas contaminadas*¹, que inaugurou o canal do El País que explora recursos em realidade virtual. O trabalho aborda a rotina de quem vive na região do Japão marcada pela tragédia em 2011, quando um terremoto seguido de um tsunami provocou um vazamento radiativo na usina nuclear local. O jornalista Daniel Verdú trabalhou ao lado de uma equipe terceirizada que produziu o conteúdo em realidade virtual.

O jornal *El Mundo* também caminha para priorizar o conteúdo publicado na internet, embora o comando do jornal não preveja reportagens com realidade virtual, recurso considerado caro e ainda de pouco alcance. A redação foi visitada no dia 20 de outubro, quando foram entrevistados quatro profissionais, entre eles o gestor da redação, Miguel Vazquez. Ainda em 2016, segundo Vazques, a meta é dar início a um novo ciclo, onde todos os jornalistas terão como primeiro objetivo publicar sua produção na internet. E um grupo de editores adaptará o material produzido para a versão impressa, de modo semelhante ao que já é feito no concorrente *El País*.

Embora moldadas pela realidade espanhola, as mudanças no *El País* e no *El Mundo* serão estudadas e analisadas em profundidade, em conjunto com pesquisas em outros jornais, em busca de um levantamento de boas práticas para o cenário da convergência das redações que contemple também o atual quadro brasileiro, objetivo maior da tese de doutorado ainda em construção.

Referências

CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã (Portugal): LabCom, 2014.

KOŁODZY, Janet. **Practicing convergence journalism: an introduction to cross-media storytelling**. Routledge: Nova Iorque (EUA), 2013.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, setembro-dezembro de 2014.

NEGREDO, Samuel; SALAVERRÍA, Ramón. **Integrated journalism: media convergence and newsroom organization**. Barcelona (Espanha): Editorial Sol 90, 2009.

SALAVERRÍA, Ramón. “¿Uno para todos y todos para uno? Dimensiones y desafíos de la convergencia periodística”. **Libro Blanco de la Prensa Diaria 2009**, Madri (Espanha), Asociación de Editores de Diarios de España, p. 401-415, 2008.

¹ *Fukushima, vidas contaminadas*, publicada pelo *El País* em 1º de maio de 2016. Disponível originalmente em: <<http://migre.me/vq9s4>>. E em versão em português em: <<http://migre.me/vq9sC>>. Visitada em outubro de 2016.

Mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas: impactos sobre as rotinas e a qualidade da informação

Janara Nicoletti – Doutorado

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: precarização; jornalismo; rotinas jornalísticas; informação jornalística; qualidade.

O cenário profissional do jornalismo contemporâneo evidencia uma piora das condições de trabalho, com cortes e reestruturações de equipes e produtos, acúmulo de funções, jornadas excessivas, entre outros problemas. Dentro deste contexto, esta pesquisa de doutorado busca investigar os impactos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a informação veiculada para a sociedade. Para tanto, será realizado um estudo comparado entre o Brasil e a Alemanha, por existirem importantes similaridades e diferenciações nos dois países com relação à regulamentação profissional, estrutura das empresas e rotinas de produção. Assim, pretende-se identificar as principais formas de precarização da atividade, em diferentes contextos sociais e culturais, e como se refletem na informação veiculada pela imprensa.

Conforme o Perfil do Jornalista Brasileiro, este profissional, em sua maioria, trabalha com acúmulo de funções, entre oito e 12 horas por dia – acima do previsto pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) que limita a jornada em cinco horas (MICK, LIMA, 2013). Realidade também presente na Alemanha, onde se percebeu um aumento da pressão sobre o profissional. Naquele país, estudos indicam que o trabalho do jornalista está ficando mais estressante porque um número menor de profissionais faz uma cobertura mais ampla para um maior número de meios (WEISCHEINBERG, MALIK, SCHOLL, 2012). Condição que se repete em outros lugares do mundo (WILLNAT, WEAVER, 2014).

Quanto maior o imediatismo estimulado pelas organizações jornalísticas, mais o jornalista estará exposto a situações de risco, deslizos e falhas de avaliação, além de passar a produzir notícias superficiais ou baseadas unicamente em fontes oficiais. Na prática, isto significa coberturas iguais em diferentes veículos, falta de senso crítico e apuração criteriosa e manipulação da informação oferecida ao público. Desta forma, a degradação das condições do trabalho dos jornalistas se reflete na queda da qualidade da informação (FRIEND, SINGER, 2007), falta de transparência dos veículos (ROTHBERG, 2010; CHRISTOFOLETTI, 2010), afeta a credibilidade do conteúdo noticiado pela mídia e, conseqüentemente, a relevância social do produto oferecido pelas organizações do setor (CARRO, 2016), culminando na diminuição da fidelidade da audiência (MÜLLER, 2012).

Portanto, se faz necessário observar como o processo de precarização gerado pela reestruturação profissional da categoria afeta a informação veiculada à sociedade. Assim, o objetivo geral deste plano é investigar os impactos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre o processo de produção nas redações do Brasil e Alemanha e seus reflexos sobre a informação veiculada para a sociedade.

O corpus será formado por seis redações de jornais impressos com circulação nacional diária e que possuem também redações online: *Folha de S. Paulo*, *Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Süddeutsche Zeitung*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e *Die Welt*. Do ponto de vista metodológico será adotado o método de estudo de casos múltiplos (YIN, 2001) aliado a levantamentos bibliográfico e documental, e entrevista em profundidade com questionário semi-estruturado (os mesmos procedimentos serão replicados nos dois países).

Referências

ADGHIRNI, Zélia Leal. **Mudanças estruturais no jornalismo**: travessia de uma zona de turbulência. In.: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal. *Jornalismo e Sociedade: teorias e metodologias*. Insular: Florianópolis, 2012.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Indicadores de qualidade no jornalismo**: políticas, padrões e preocupações de jornais e revistas brasileiros. Unesco: Representação do Brasil, Brasília, 2010.

FRIEND, Cecilia; SINGER, Jane B. **Online journalism ethics**: traditions and transitions. New York: M.E. Sharpe, 2007.

MICK; Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

ROTHBERG, Danilo. **Jornalistas e suas visões sobre qualidade**: teoria e pesquisa no contexto dos 'indicadores de desenvolvimento da mídia' da Unesco. Unesco: Representação do Brasil, Brasília, 2010.

WEISCHEINBERG, Siegfried. MALIK, Maja. SCHOLL, Armin. *Journalism in Germany in the 21st Century*. In.: WEAVER, David H. WILLNAT, Lars. **The Global journalist in the 21st Century**. ROUTLEDGE: New York, 2012.

WILLNAT, Lars; WEAVER, David H. **The American Journalist in the digital Age**: key findings. School of Journalism, Indiana University: Indiana, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/LvHcQj>. Acesso em: 01/09/2016.

YIN, ROBERT K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOUNG, Eric. **A new understanding: what makes people trust and rely on news**. Associated Press: Center for Public Affairs Research/American Press Institute, Estados Unidos, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/bH6jxM>. Acesso em: 02/09/2016.

JORNALISMO ESPECIALIZADO

Narrativas híbridas do jornalismo especializado em saúde

Amanda Souza de Miranda

**Tensões metodológicas de um estudo sobre recepção de
noticiários policiais**

Hendryó André

(Des)humanização no jornalismo

Géssica Valentini

Narrativas híbridas do jornalismo especializado em saúde

Amanda Souza de Miranda – Doutorado

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gislene Silva

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo especializado em saúde; hibridação; melodrama; narrativa.

Esta pesquisa objetiva compreender como o jornalismo especializado em saúde elabora produtos que transitam entre o científico e o popular, tomando por objeto de estudo as narrativas híbridas derivadas desse processo. Propõe-se compreender como tais textos aderem à racionalidade e ao saber médico, conceito marcadamente foucaultiano, que põe no centro da narrativa um poder constituidor da biopolítica, se aproximando também do melodrama, aqui tipificado como elemento da estética do popular. A metodologia da análise da narrativa e um estudo etnográfico na redação do programa *Bem Estar* da TV Globo orientam esta pesquisa, que localiza o jornalismo especializado em saúde como coprodutor de um texto com características específicas capaz de produzir conhecimento.

Assumir que as narrativas da saúde se encontram em todos os lugares – seja no jornalismo, na publicidade, nas relações médico-paciente ou nos diálogos do cotidiano – é compreender que elas participam ativamente das vivências no que se refere ao corpo, mente e formas preventivas. Em meio a esse turbilhão de vozes que encerram diferentes abordagens sobre modos de vida, o jornalismo se destaca como um campo do conhecimento, atuando na mediação entre o científico e o popular e evocando ambos na sua constituição como texto que produz sentidos a partir da sua forma e conteúdo.

O modo como forma e conteúdo se relacionam nessa narrativa é aquilo que o jornalismo em saúde tem de mais genuíno. Pois, se no conteúdo se busca o rigor e a objetividade que os positivistas já tentavam trazer à ciência no século XVIII e que o jornalismo herdou por influência desse movimento, na forma essa busca se apresenta como tensão: se é preciso atrair a audiência falando sobre saúde, busca-se convocá-la à escuta de forma simples e atrativa, ou seja, afastando-se dessa linguagem. Origina-se aí, um produto híbrido, marcado por características que se podem revelar antagônicas, mas que juntas constituem um novo modo de se fazer entender o mundo.

O objetivo é compreender como ocorre essa hibridação (CANCLINI, 2003) e como ela pode agir de forma dialética – apontando para a normatização, mas também para a emancipação/prevenção. Apesar da diversidade de produtos desta área, selecionei o *Bem Estar*, exibido pela Rede Globo desde 2011, por ser um programa diário, permitindo uma investigação mais detalhada acerca da hipótese levantada. O fato de estar na programação da maior

emissora do país, atingindo a maior audiência no horário, também justifica a escolha, assim como a presença de profissionais da saúde nos processos produtivos, permitindo a identificação quase que imediata da posição que o saber científico nele ocupa.

Para compreender esse processo, conecto o jornalismo aos estudos da narrativa (MOTTA, 2013), percebendo-o enquanto texto cultural capaz de produzir sentidos e conhecimento. Discuto o jornalismo especializado em saúde a partir daquilo que ele mostra como especificidade, destacando seu fluxo em direção ao saber médico (FOUCAULT, 1998) e à busca de uma adesão da audiência. Nesse sentido, explícito que este saber de definição foucaultiana, elemento de normatização e constituição da biopolítica, confere credibilidade ao texto. Ao mesmo tempo reconheço que, além de recorrer ao universo fático da racionalidade, o jornalismo especializado em saúde também se constitui a partir de uma adesão a recursos do ficção, como a cenografia e o melodrama, conceito definido por Martin-Barbero (2013) como constituidor do popular.

O jornalismo especializado em saúde é aqui visto como um sujeito atuante numa sociedade cada vez mais regida por ideais de culto ao corpo, à saúde e à longevidade. Entende-se então que o jornalismo além de ser um campo de recriação de saberes por meio das narrativas que enuncia, também atua como sujeito no processo de produção social do conhecimento (GENRO FILHO, 2013), construindo com a audiência um modo de entendimento do mundo (SILVA, 2005).

Os resultados da experiência etnográfica apontam para uma narrativa produzida por médicos, jornalistas e pela audiência, numa tentativa de seduzir o público a partir de recursos híbridos entre científico e popular, enfatizando o sensível, oriundo dos formatos televisivos. Tais resultados, sintetizados entre entrevistas, diário de campo, espelhos e roteiros, serão cruzados com a narrativa de dez edições, relacionando-as a categorias do melodrama e aos planos da expressão, enredo e metanarrativa do programa (MOTTA, 2013).

Referências

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martin Fontes, 2008.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2014.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

SILVA, Gislene. **Jornalismo e construção de sentido**: pequeno inventário. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, vol. 2, n. 2, 2o. semestre, p. 95-107, 2005.

Tensões metodológicas de um estudo sobre recepção de noticiários policiais

Hendryo André – Doutorado

Orientadora: Prof.^a Dr.^aDaisi Vogel

Linha: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo policial; recepção; metodologia.

Formulações sobre implicações sociais de noticiários policiais devem partir do pressuposto de que os produtores são incapazes de controlar previamente os sentidos produzidos, ainda que o enquadramento a gêneros e a estratégias de endereçamento possam sugerir percepções sobre a recepção. Vinculadas a aportes teóricos cuja essência é descobrir fórmulas regulares, as abordagens metodológicas buscaram modelos explicativos para compreender a recepção em sua totalidade. Essa ambição nunca abarcou a complexidade do fenômeno. A marginalização das mediações fez com que parte dos estudos avaliasse a recepção como se fosse estruturada pela lógica dos diferentes suportes de emissão, algo que fez o campo teórico pouco avançar até 1980.

Um problema em pesquisas que se debruçam sobre a TV é o foco em análises macroeconômicas, históricas e sociais. É preciso esforço teórico-metodológico para articular nessas produções as “dimensões técnica, social e cultural” (GOMES, 2011, p. 18). Reunidas e confrontadas dialeticamente, elas potencializam o princípio de que a TV é uma instituição social: observá-la assim autoriza “atenção às diferenças existentes entre as diversas sociedades e tempos históricos e seus jornalismo – do ponto de vista dos seus valores e convenções; do ponto de vista das formas do gênero” (*Ibid.*, p. 20). Uma notícia sobre violência não pode ser analisada sem considerar os discursos estruturantes ocasionados pelas lógicas da TV, do contexto social, das heranças históricas; enfim, da cultura.

A matriz teórica sociocultural vincula a recepção ao campo da cultura ao entender os “processos de negociação, reinterpretação e reelaboração das mensagens midiáticas, segundo características como idade, sexo, etnia, grupo social, assim como por ação de agentes sociais como família, escola, religião, partido político e empresa” (JACKS, 2014, p. 32).

Deve-se abandonar a noção de que a metodologia é um instrumento formal, rígido e neutro. As questões metodológicas são relevantes a partir do abandono da ideia do a fazer para o em fazendo. “A metodologia é uma sabedoria na tomada de decisões em que o pesquisador se vê constantemente envolvido” (BRAGA, 2006, p. 8). Metodologia é a esfera que orienta:

(...) a construção da pesquisa em todos os níveis; como lógica em ato que dá feição à construção do objeto de investigação e ao conhecimento produzido, materializando-

-se em decisões e opções tomadas no percurso em relação à construção de seus componentes, de estratégias, procedimentos, operacionalizações, experimentações e táticas (BONIN, 2013, p. 27).

Silva (1985, p. 45) há três décadas apontava desafios para epistemologicamente se pensar a recepção. Observou que, entre diversos fatores, não se consideram as distintas percepções entre “espectadores, ignora-se o fator atenção durante a audiência, confia-se completamente em relatos dos entrevistados a respeito de seu comportamento e atitudes sem nenhum tipo de controle sobre as informações por eles prestadas”. Já Maldonado (2013, p. 92) lembra que as produções de sentidos mudaram com as novas tecnologias, de modo a ser cada vez mais incoerente compreender a recepção apenas em meios massivos: não há domínio das “mídias hegemônicas, a experimentação vai sendo socializada aceleradamente, a relação com as técnicas é menos mecânica e mais estético/operativa”. No que se refere à reflexão metodológica, uma das preocupações é o aprimoramento no tratamento com os entrevistados, que devem ser considerados como sujeitos históricos.

Referências

- BONIN, J. A. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. M. do. **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 23-42.
- BRAGA, J. L. **A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões**. E-compós, Brasília, v. 14, n. 1, p.1-33, jan. 2011. Trimestral.
- GOMES, I. M. Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: GOMES, I. M. (org.). **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: Edufba, 2011. p. 17-47.
- JACKS, N. (org.). Recepção televisiva, (ainda) a mais estudada. In: JACKS, N. **Meios e audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 31-71.
- MALDONADO, A. E. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. M. do. **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 87-103.
- SILVA, C. E. L. da. **Muito além do Jardim Botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. São Paulo: Summus, 1985.

(Des)humanização no jornalismo

Géssica Gabrieli Valentini – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: humanização; desumanização; jornalismo; ética.

O jornalismo é capaz de desumanizar? Embora o processo de produção seja por pessoas e para pessoas, esta pesquisa parte da hipótese que o tratamento dado às fontes e, muitas vezes, aos próprios jornalistas, pode conduzir a narrativas desumanizantes, que ultrapassam limites éticos e morais.

Durante décadas, verificou-se uma tendência à racionalidade, através de estratégias como distanciamento do repórter e modelos como o *lead* e a pirâmide invertida. Por um lado, estas estratégias facilitam as rotinas produtivas. Por outro, parecem ter conduzido os jornalistas e o próprio jornalismo a um processo mecanicista, muitas vezes reduzido a aplicação de técnicas. Não apenas isso: as modificações nas estruturas internas das empresas jornalísticas também afetaram as redações, que passaram por reformulações, com demissões em massa e cada vez menos profissionais responsáveis pelos mesmos produtos.

Em pesquisas anteriores, estudei alternativas que se contrapõem a modelos e técnicas pré-estabelecidas. Uma destas propostas é conhecida como humanização, conforme ponderam Cremilda Medina, Antonio Olinto, Jorge Ijuim, entre outros.

Por um lado, através de índices como o ranking de notícias mais lidas dos portais de notícias, é possível observar que o público demonstra preferência por notícias que apresentam informações pessoais - uma personificação cada vez maior. Por outro, percebemos nestas mesmas narrativas uma questionável exploração da imagem e tratamentos às fontes que ultrapassam limites éticos ou, no mínimo, geram indagações. Isto considerando ainda as rotinas produtivas que também exigem dos profissionais um trabalho muitas vezes mecânico. As consequências? Processos e produtos desumanizantes e desumanizados, distante do que é a humanização proposta pelos autores citados. Segundo eles, humanizar implica preocupar-se com a plenitude da comunicação, com um olhar sensível que abarque a tríplice tessitura: técnica, ética e estética (MEDINA, 2006).

A forma de grafar (des)humanização, com o uso de parênteses, é intencional, alertando para essa contradição entre essa busca por uma personificação e, ao mesmo tempo, o distanciamento do que de fato significa humanizar. O termo humanização é amplamente conceituado em áreas como o direito e a saúde, através da discussão sobre atendimento humanizado, parto humanizado, etc. mas pouco comentado no jornalismo, ainda com questionamentos. Não lidamos, sempre, com seres humanos? Partimos do pressuposto de que, embora não

tratemos diretamente com o corpo físico, tal qual a saúde, por exemplo, trabalhamos com pessoas, e as falhas podem ter graves consequências.

Como observa Olinto (2008), com a consciência da sua posição no mundo, o jornalista ganha uma responsabilidade quase assustadora, porque ultrapassa o individual e se transforma numa espécie de predestinado, com o dom de penetrar nas formas de vida e contar a todos o que lá existe. Esse dever, somado à responsabilidade necessária para desempenhar bem o papel, implica compreensão humana: de quem, sobre quem, para quem se escreve.

Tomando as ideias de Boaventura de Souza e Santos (2007) para esta reflexão, uma das características da modernidade ocidental é o pensamento abissal, um sistema de distinções visíveis e invisíveis que dividem a realidade social em universos diferentes. No caso do jornalista, este deixa de ser um personagem metropolitano, moderno, para tornar-se uma espécie de conciliador, apesar de sua intenção – pessoal e do veículo de comunicação –, que se torna determinante para a manutenção dessa cultura. Se o intento for apenas dar voz ao “outro lado”, considerando-se ele próprio “deste lado”, a linha imaginária, mas abissal, permanece. Apenas olhar, como espectador, e não sentir-se como o outro, não torna a relação diferenciada - humana - e não reduz distâncias, embora seja um passo importante.

Neste sentido, este projeto busca compreender o que está ocorrendo com o jornalismo, partindo da investigação para descobrir de que forma o processo de modernização dos ambientes de trabalho alteram o modo de produção, além da hipótese de que algumas formas e tratamentos dados às informações e personagens retratados, bem como as próprias rotinas produtivas das redações jornalísticas, conduzem a um processo de desumanização.

Para tanto, será feito um levantamento bibliográfico em áreas cujo conceito de desumanização já foi estudado e formulado para, inicialmente, criar um conceito aplicado ao jornalismo. Posteriormente, a intenção é utilizar os procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa utilizando texto, imagem e som, proposta por Martin W. Bauer e George Gaskell para identificar casos em que há tratamentos desumanizados nos produtos jornalísticos. Posteriormente, serão feitas entrevistas em profundidade com editores e repórteres para compreender qual a noção de humanização que predomina nas redações.

Referências

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e Desumanização no jornalismo**: algumas saídas. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ijuim-jorge-2014-humanizacao-desumanizacao-jornalismo.pdf>. Acesso em 12/04/2015, às 23h.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**: Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

..... **O signo da relação:** comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura.** Porto Alegre: Já, 2008.

SANTOS, Boaventura Souza. Para além do pensamento abissal. In **Coimbra:** Revista Crítica de Ciências Sociais, no 79, outubro, p. 3-46, 2007.

SANTOS, Boaventura Souza. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.** Disponível em: <http://rccs.revues.org/1285>. Acesso em 9 de abril de 2015, às 15h.

MORIN, Edgar. Ética do sujeito responsável. In CARVALHO, Edgard de Assis et all. **Ética, solidariedade e complexidade.** São Paulo. Palas Athena, 1998.

POLÍTICA E MODELOS DE JORNALISMO

Alternativa a quê? Organização e práticas sociais nas novas experiências de jornalismo no Brasil

Mariana da Rosa

Independência editorial em Santa Catarina: um estudo sobre aferição da liberdade jornalística

Leonel Camasão

A reprodução do mito do herói na narrativa do impeachment de Dilma Rousseff

Tito L. Pereira

Alternativa a quê? Modelos de organização nas novas experiências de jornalismo no Brasil

Mariana da Rosa Silva – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofoletti

Linha de pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo.

Palavras-chave: jornalismo alternativo; internet; campo jornalístico; Teoria dos Campos Sociais; rotinas produtivas.

O jornalismo, de modo tradicional, se constitui como uma atividade liberal que se consolida a partir de uma determinada lógica de organização. Esse modelo, que varia com o tempo, mantém como características primordiais a propriedade privada e a hierarquização da produção por meio de rotinas que são específicas da atividade. Embora essa lógica convencional de organização e produção caracterize a atuação do jornalismo e da mídia em geral na sociedade, sempre existiram paralelamente experiências que buscaram romper em algum nível com esse modelo. Nessa pesquisa, nos detemos nestas experiências que se dão fora da estrutura tradicional.

Partimos do pressuposto de que o surgimento de experiências alternativas atualmente, tomando por base o contexto brasileiro, parece ter um forte caráter de busca por mais autonomia em relação ao financiamento e ao modelo convencional de organização do jornalismo, tendo em vista que muitas propostas questionam não apenas o modelo de negócio original – que vive, atualmente, uma forte crise – mas também as formas de organização do trabalho, adotando formatos distintos, como, por exemplo, o de coletivos horizontais.

Tendo em vista esse contexto, fica colocada a questão de *como fazer um jornalismo diferente*. Deste amplo questionamento, delimitamos como pergunta da pesquisa: em termos de organização e práticas sociais, o que propõem as experiências alternativas em relação às iniciativas convencionais de jornalismo no Brasil?

A escolha por este recorte se baseia na perspectiva de pesquisas nacionais e internacionais que tomamos como referencial teórico para nosso trabalho (PERUZZO, 2009; ATTON, 2002; DOWNING, 2001; SANDOVAL e FUCHS, 2009). Da mesma forma, a defesa de uma estrutura de auto-gerenciamento como diferencial é defendida também por Atton (2002), Downing (apud ATTON, 2002) e na perspectiva de Sandoval e Fuchs (2009), que entendem que a caracterização de uma mídia como alternativa deve partir de uma estrutura que permita uma relação dialética entre os atores e estruturas envolvidos no sistema de mídia, formando assim uma mídia crítica. Tendo em vista o caráter relacional da proposta

– pensar o que trazem as novas experiências em comparação ao jornalismo convencional
– tomamos como referência central para a análise a perspectiva de campo jornalístico (BOURDIEU, 2005; BENSON, 2005).

Diante da pergunta de pesquisa apresentada, estabelecemos como objetivo geral da pesquisa avaliar os modelos de organização propostos pelas novas experiências de jornalismo no Brasil. A análise do objeto empírico se desdobra em duas etapas que consistem em (a) um levantamento de informações sobre o modelo de organização adotado em 41 iniciativas criadas entre 2013 e 2015 no Brasil; e (b) um estudo de caso aprofundado das iniciativas *Cidades para Pessoas*¹ e revista *Vaidapé*. A metodologia empregada na análise é o estudo de caso múltiplo com múltiplas unidades de análise (YIN, 2003). Para caracterização dos estudos de caso aprofundados, realizamos uma observação participante (PERUZZO, 2015), com acompanhamento das atividades dos dois coletivos de forma alternada, no período de 11 de novembro a 2 de dezembro de 2016, em São Paulo.

Referências

BENSON, R. Mapping field variation: journalism in France and the United States. In: BENSON, R.; NEVEU, E. (Orgs.). **Bourdieu and the Journalistic Field**. Malden, Cambridge: Polity Press, 2005. p. 85-112.

BOURDIEU, Pierre. The Political Field, the Social Field, and the Journalistic Field. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erik. **Bourdieu and the Journalistic Field**. Cambridge: Polity Press, 2005.

FUCHS, Christian; SANDOVAL, Marisol. **Towards a Critical Theory of Alternative Media**. Disponível em: http://fuchs.uti.at/wp-content/uploads/2009/12/alt_media.pdf. Acesso em: 17 fevereiro de 2016.

DOWNING, John. **Radical Media: Rebellious Communication and Social Movements**. Thousand Oaks: Sage, 2001.

Revista **Vaidapé**: Disponível em: <http://vaidape.com.br/>. Acesso em: 4 outubro de 2016.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. Revista **Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 131-146, junho. 2009.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

¹ Disponível em: <http://www.cidadesparapessoas.com.br/>. Acesso em 4 out 2016.

Independência editorial em Santa Catarina: um estudo sobre aferição da liberdade jornalística

Leonel David Jesus Camasão – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofoletti

Linha de Pesquisa: Tecnologias, linguagens e inovação no Jornalismo

Palavras-chave: liberdade de imprensa; independência editorial; mídia independente; *Freedom House*; *Repórteres Sem Fronteiras*.

Duas instituições reconhecidas internacionalmente, a *Freedom House*¹ e *Repórteres Sem Fronteiras* publicam relatórios anuais sobre a liberdade de imprensa no mundo. Com metodologias distintas, ambas produzem indicadores de liberdade por país ou território, com o objetivo de fornecer dados para que organismos internacionais pressionem governos e instituições a conviverem com uma imprensa livre e a promoverem as condições para o livre desenvolvimento do jornalismo.

Esta pesquisa decidiu avaliar estes trabalhos, pois seus resultados podem nos dar pistas para investigar o problema da independência editorial. Bucci (2009) já mencionava, há sete anos, a preocupação com a aferição de “graus de autonomia”, a criação de “critérios de verificação de independência” e a formulação de “indicadores de autonomia” com propósitos similares aos apresentados pelas duas ONGs em seus relatórios.

Além destes instrumentos, os relatórios *Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil*, da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e o Relatório Especial para a Liberdade de Expressão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) podem nos auxiliar a responder a seguinte questão: Os mecanismos já desenvolvidos para mensurar a liberdade de imprensa e liberdade de expressão são suficientes para acompanhar e desenvolver indicadores de independência editorial para a realidade brasileira e/ou do Estado de Santa Catarina?

Uma de nossas premissas é de que a natureza e a finalidade das organizações jornalísticas influenciam diretamente na independência editorial destas organizações. Porém, para confirmar ou não essa suspeita, se faz necessária a elaboração de critérios e indicadores de independência editorial que permitam o acompanhamento e a comparação entre diferentes organizações. Para dar conta de tal análise, utilizaremos como referencial teórico os autores Psychologiopoulou (2014), Bennet (2015), Bennet, Strange & Medrado (2015), Bucci (2009), McQuail (2012), Merril (1974), Hanitzsch (2011), Lima (2010), Sjøvaag (2013), entre outros.

¹ Freedom of the Press 2016. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-press/freedom-press-2016>, Acesso em 14 de abril de 2016.

A presente pesquisa tem como objetivo geral formular e apresentar um instrumental de análise e aferição do grau de independência editorial de organizações jornalísticas comerciais e não comerciais, e aplicá-lo a jornalistas, estudantes de jornalismo e professores da área nas 15 cidades com maior Produto Interno Bruto (PIB) de Santa Catarina em 2015.

Desenvolver o presente trabalho pode contribuir com o campo jornalístico, no sentido de elaborar uma formulação mais precisa sobre a questão da independência editorial, tema pouco abordado por pesquisadores brasileiros e relevante quando falamos em pensar as bases para um jornalismo de novo tipo

Referências

BENNET, James; STRANGE, Niki & MEDRADO, Andrea. A moral Economy of Independent Work? Creative Freedom and Public Service in UK Digital Agencies. In: BENNET, James; Strange, Niki. **Media Independence**. Working with freedom or working for free?. Routledge. Londres, 2015.

BUCCI, Eugênio. **A imprensa e o dever de liberdade**: a independência editorial e suas fronteiras com a indústria do entretenimento, as fontes, os governos, os corporativismos, o poder econômico e as ONGs. São Paulo, Contexto, 2009.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Liberdade de expressão no Brasil**: Relatórios anuais da Relatoria Especial para a Liberdade de Expressão da CIDH 2005-2015. Disponível em <http://www.oas.org/es/cidh/expresion/docs/informes/anauales/InformeAnual2015RELE.pdf>, acessado em 05/10/2016

HANITZSCH, Thomas. **Populist Disseminators, Detached Watch Dogs, Critical Change Agents and Opportunist Facilitators**: Professional Milieus, the Journalistic Field and Autonomy in 18 Countries. International Communication Gazette, 2011.

LIMA, Venício. **Da liberdade de expressão ao direito à comunicação**. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/ao-direito-a-comunicacao/>, acessado em 13 de outubro de 2016.

McQUAIL, Denis. **Atuação da mídia**: comunicação de massa e interesse público. Porto Alegre, Penso, 2012.

MERRIL, J. C. **The Imperative Of Freedom**: a philosophy of journalistic autonomy. Hastings House, 1974.

PSYCHOGIOPOULOU, Evangelia. **Media Policies Revisited**. The Palgrave Macmillan, Londres, 2014.

REPORTERS WITHOUT BORDERS. **2016 World Press Freedom Index**. Disponível em <https://rsf.org/en/ranking>, acessado em 20 de abril de 2016.

SJØVAAG, Helle. **Journalistic Autonomy**: Between Structure, Agency and Institution. Nordicom Review, nº 34, 2013.

A reprodução do mito do herói na narrativa do impeachment de Dilma Rousseff

Tito Luiz Pereira – Mestrado

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gislene Silva

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: Jornalismo; imaginário; mito; política; impeachment.

A notícia e seu consumo, na modernidade, integram os indivíduos ao comum social. Por meio delas, as pessoas não só se informam sobre todo tipo de acontecimento, mas também renovam e transformam os paradigmas morais que as cercam. Tal procedimento era antes realizado pelos mitos. Hoje, a notícia cumpre uma dupla função: ela tanto apresenta fatos a serem absorvidos como informação por seus consumidores; quanto, em seu conteúdo, contextualização e linguagem, indica horizontes morais ao público que consome as estórias contadas. Em outras palavras, ela está impregnada de subjetividade. Ao contextualizar a notícia, inserindo-a em um referencial histórico, ou evocando categorias universais como herói e vilão, o jornalista facilita a compreensão do fato noticiado, tornando-o inteligível ao leitor, e ainda sugerindo uma lição de moral para a estória contada.

O Brasil passa hoje por uma severa crise. Aumento da inflação e desempregos, queda do Produto Interno Bruto, recuo da industrialização e desvalorização da moeda são alguns dos problemas enfrentados. Denúncias de corrupção de valores bilionários envolvendo grandes nomes da política e empresários na principal estatal brasileira, a Petrobrás, também tomou as capas dos principais jornais do país, o que deixou o governo da presidente Dilma Rousseff em situação de manifesta instabilidade.

A presidente da República foi acusada de cometer crimes de responsabilidade e teve um pedido de impeachment protocolado no Congresso Nacional. Em meio à crise e à instabilidade, parte da base aliada da presidência, em especial o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), anunciou ruptura com o Governo Federal, levando ao impedimento da então presidente da República e a um novo arranjo de partidos e forças políticas que assumiu o principal cargo do executivo nacional.

Neste cenário, os jornais estão sendo importantes atores para a organização dos acontecimentos e produção do conhecimento que tem marcado a vida pública, assim como, em parte, responsáveis pela reação pública que o momento tem gerado.

Desta forma, a pesquisa tem como objeto de estudo a reprodução dos arquétipos míticos, em especial o mito do herói, na cobertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff. Entende-se que a cobertura dos jornais tradicionais brasileiros durante o segundo

mandato da presidente Dilma Rousseff constituiu uma grande narrativa, com personagens, conflitos, polêmicas e escândalos. A hipótese deste estudo é que esta grande narrativa indicou Dilma e Lula como os vilões, Sérgio Moro e Michel Temer como heróis e Eduardo Cunha como personagem ambígua que atravessava ambos espectros morais, tendo no final se transformado no ‘vilão-necessário’ da estória. Ao reproduzir arquétipos míticos, a imprensa sugere vilões e heróis dentro da narrativa que influenciam a opinião pública a ser favorável ao impeachment, assim, também a imprensa torna-se responsável pelo processo.

O objetivo da pesquisa é identificar a reprodução do mito do herói dentro do conflito entre governo e oposição na cobertura jornalística do segundo mandato da presidente Dilma Rousseff e qual sua influência sobre a opinião pública durante todo o processo de impeachment da mesma.

Esta pesquisa tem como referencial teórico o diálogo entre as teorias do imaginário e sua dimensão simbólico-mítica dentro do fenômeno jornalístico. Esta escolha se dá por entender o jornalismo como uma prática de enorme vínculo com a vida social, assim se mostrando um grande produtor de memória social e, por isso mesmo, sendo um instrumento excepcional para a manifestação de representações do imaginário.

Como metodologia, utilizar-se-á a análise pragmática da narrativa jornalística, proposta por Motta (2007), que se propõe revisar notícias publicadas separadamente e recompô-las em um quadro de notícias maior, verificando nele uma estória e narrativa própria.

Pode-se citar como principais autores que embasam esta pesquisa: Bird e Dardenne (1993); Campbell (1990); Durand (2002); Jung (2000); Maffesoli (2001); e Motta (2007).

Referências

BIRD, S. Elizabeth & DARDENNE, Robert W (1993). Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nélon (org.) **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, p. 263-277.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Pala Athena, São Paulo, 1990.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, agosto, 2001.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

EPISTEMOLOGIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Terra urbana em disputa: a cobertura jornalística de dois ciclos de ocupações organizadas em Florianópolis (SC)

Míriam Santini de Abreu

Epistemologias para um jornalismo da Amazônia

Pollyana Dourado dos Santos

Representações Sociais dos sujeitos rurais na revista Globo Rural (1985-2015)

Isadora Ribeiro

Terra urbana em disputa: a cobertura jornalística de dois ciclos de ocupações organizadas em Florianópolis (SC)

Miriam Santini de Abreu – Doutorado

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Gislene Silva

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo urbano; cobertura jornalística das ocupações urbanas; direito à cidade.

A pesquisa tem o objetivo de compreender de que forma o jornalismo visibiliza o conflito social pela terra. O objeto de estudo consiste na cobertura jornalística das ocupações urbanas organizadas, geralmente nomeadas pela mídia como invasões, na Área Conurbada de Florianópolis, que inclui São José, Biguaçu e Palhoça, em dois diferentes períodos históricos. A capital catarinense tem buscado, desde a década de 1980, desenvolver uma estratégia de marketing ancorada no potencial turístico, na qualidade de vida e na modernização tecnológica, provocando mudanças socioespaciais que aparecem como notícias na imprensa local. Nesta pesquisa parte-se do pressuposto do jornalismo como um lugar privilegiado de investigação da dinâmica do espaço urbano, que é alvo de intensa disputa em função da premissa da propriedade privada da terra versus o direito pleno à cidade. E a mídia, ao legitimar/deslegitimar determinadas pautas, abordagens, atores sociais e suas interpretações sobre as formas como pode/deve se dar a ocupação do espaço, influencia o debate público sobre esses temas. A investigação incluirá o primeiro ciclo de ocupações organizadas, no final da década de 1980 e início dos anos 1990 (1989-1992), e o segundo ciclo, com o ressurgimento das ocupações organizadas, entre 2012 e 2014. Esta delimitação temporal se justifica porque historicamente a capital catarinense experimentou ocupações urbanas lentas e espontâneas, originalmente na parte central, onde predomina o Maciço do Morro da Cruz. No final dos anos 1980, isso mudou com o início das ocupações organizadas, abrangendo a Ilha e o Continente, havendo depois, nos anos 1990 e 2000, novamente a predominância das ocupações espontâneas e, a partir de 2012, a retomada das ocupações organizadas, em função de dinâmicas socioespaciais problematizadas na pesquisa. O conjunto de veículos impressos alvos da análise, orientada pelos conceitos de ideologia e hegemonia, é diferente no primeiro e no segundo ciclos de ocupações. Para o primeiro ciclo, partirá de um conjunto de textos dos jornais *O Estado*, *A Notícia* e *Diário Catarinense* (este o único a cobrir os dois ciclos de ocupações). O segundo ciclo terá como material empírico os jornais *Diário Catarinense* e *Notícias do Dia*. A análise da cobertura parte da hipótese de que as transformações no discurso midiático sobre a luta pela moradia na Área Conurbada de

Florianópolis expressam as modificações de uma estrutura social que buscou transformar a capital catarinense em destino turístico, para o qual é necessária a invisibilização/criminalização da pobreza no espaço e no discurso.

Referências

CAVALCANTI, Mariana. **Demolição, Batalha e Paz:** favelas em manchetes. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.

FELIX, Carla Baiense. **Territórios Proibidos:** a construção da favela no noticiário e seus efeitos sociais. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=2
Acesso em: 12 nov. 2016.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo, Porto Alegre: Tchê, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

MARX, K. **O capital.** Rio de Janeiro: Brasileira, Livro 3, Volume 6, 1980.

_____. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SANTOS, Jeana. Narrativas sobre a cidade: entre o medo e o fascínio. **ESPM**, Comunicação Mídia e Consumo. Ano 11. vol.11, n.31. p. 83-98. maio/ago. 2014.

TAVARES, Frederico de M. B.; Vaz, e Paulo B. F. Cidades em “Cidade”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol.II Nº 2 - 2º Semestre de 2005.

TUZZO, Simone & PAIVA, Raquel. **Comunidade, mídia e cidade:** possibilidades comunitárias na cidade hoje. Goiânia: Cirgráfica, 2014.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

Epistemologias para um jornalismo na Amazônia

Pollyana Dourado dos Santos – Doutorado

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: epistemologias do Jornalismo; discurso; Amazônia; indígenas; portal de notícias da Globo-G1.

Esta pesquisa tem como ponto de partida o seguinte questionamento: como são construídos os discursos acerca da Amazônia e do indígena através do portal de notícias da *Globo (G1)*? Tais reflexões serão produzidas a partir da discussão sobre um campo jornalístico (SILVA, 2009), seu objeto e como ele tem sido estudado. A problematização central acerca da teorização de um jornalismo na Amazônia proporciona um debate acerca das fronteiras entre pesquisa empírica e teórica. A ideia é refletir sobre as dificuldades de construções teóricas/epistemológicas que deem conta de pensar o jornalismo na Amazônia.

O objeto empírico a ser analisado será: o conteúdo jornalístico divulgado no site de notícias da *Rede Globo (G1)* no dia da Amazônia (05/09/2016) e no dia do Índio (19/04/2016). O objeto de estudo é: A construção da notícia sobre a Amazônia – de como o global narra o local. O problema de pesquisa gira em torno das seguintes questões:

- a) Como se constitui o campo jornalístico: o que é e como poder ser estudado;
- b) A informação jornalística em uma cultura midiaticizada;
- c) O discurso jornalístico e suas relações de poder.

O referencial teórico desta pesquisa sugere o desafio de pensar o campo jornalístico em diálogo com os estudos amazônicos ou de como o jornalismo pode servir como uma ferramenta para desconstruir alguns estereótipos construídos sobre a Amazônia. A proposta de discutir Foucault (1972), Gomes (2003), Schwaab (2011), Gondim (2007), Cornu (1994), Wolton (2009;2012), Silva (2009b), Groth (2011) e Leff (2007), é de tentar problematizar como o campo do jornalismo constrói seu objeto de estudo em diálogo com as teorias sociais, posicionando-se nesta pesquisa a partir de uma leitura pós-estruturalista com autores que promoveram uma crítica do discurso da modernidade como sinônimo de emancipação humana. A proposta é discutir o jornalismo como um dispositivo que elabora sentidos, que é capaz de formatar padrões de consumo e identidades, por isso a proposta é uma leitura crítica dos jornais pensando como ele representa um espaço e sujeitos, historicamente excluídos, de um contexto local para o global.

A análise do discurso apreendida nesta pesquisa busca um gesto de leitura e interpretação da realidade amazônica pelo olhar do jornalismo produzido pelo G1 da Região Norte para

tentar construir epistemologias que deem conta de um jornalismo produzido por uma região historicamente excluída em relação ao todo brasileiro. Entende-se, então que: “[...]como ressalta Foucault, o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (GREGOLIN, 2004, p.108-109). Trata-se de uma análise discursiva que busca desconstruir uma leitura etnocêntrica sobre a Amazônia e como nos propõe Gregolin (2004), a análise do discurso não busca só estudar as regularidades e materialidades do poder, mas busca também compreender que este é um poder do qual queremos nos apoderar. É na busca de consolidar saberes da Amazônia e sobre a Amazônia que se busca investigar o discurso jornalístico. Não busca-se na análise do discurso apenas ferramentas metodológicas de interpretação de texto, mas de luta por recuperar ou construir uma forma de olhar sobre o nosso espaço com a nossa própria visão (HARAWAY, 1995), que busca deslegitimar um olhar etnocêntrico sobre o nosso espaço e tentar construir saberes que, de fato, estabeleçam diálogos e sentidos para quem vive da/na/para a Amazônia.

Referências

- CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade:** para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** Petrópolis: Vozes, 1972.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo:** discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Edusp, 2003.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia.** Manaus: Valer, 2007.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso:** diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.
- GROTH, Otto. **O Poder cultural desconhecido:** fundamentos da ciência dos jornais. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- HARAWAY, Donna. **Saberes localizados:** a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41, 1995.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental.** Tradução Sandra Valenzuela. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SCHWAAB, Reges. **Uma nova ecologia do jornalismo:** o valor do verde no saber dizer das revistas da Abril. 214f. Tese (Doutorado em Comunicação) Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.
- SILVA, Gislene. Sobre a imaterialidade do objeto de estudos do jornalismo. **Revista E-Compós**, Brasília, v.12, n. 2, maio/ago. 2009a.

Representações sociais dos sujeitos rurais na revista *Globo Rural* (1985-2015)

Isadora Moreira Ribeiro – Mestrado

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gislene Silva

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: representações sociais; revista *Globo Rural*; jornalismo; comunicação.

A pesquisa tem como objetivos identificar e descrever as representações sociais dos sujeitos rurais a partir de reportagens publicadas na revista *Globo Rural* entre 1985 e 2015 e examinar as transformações nessas representações, verificando as alterações, permanências e exclusões nessas construções simbólicas. O *corpus* é composto por todas as reportagens publicadas nas trinta edições da revista escolhidas pela equipe editorial para a produção do infográfico “Túnel do Tempo”, em comemoração aos 30 anos da publicação.

Considera-se, a partir da Teoria das Representações Sociais elaborada por Serge Moscovici (1961), que representações são construções simbólicas produzidas na interação comunicativa. Assim, o jornalismo, compreendido enquanto circunscrito na esfera da comunicação, comporta a produção e a circulação de valores simbólicos, no caso as representações sociais. Como assinala Moscovici (2001, p. 63), é na conexão entre o individual e o social que as representações são construídas e adquiridas, conformando-se como fenômenos inseparáveis da comunicação.

A noção de representação social se inscreve nos limites da comunicação na medida em que esta é tomada, segundo Vera França (2004, p. 13), “como instância de produção de sentido instalada num contexto relacional”. Para a autora, pensada “enquanto troca, interação, situação comunicacional que circunscribe a relação – mediada discursivamente – de sujeitos interlocutores” (idem), a comunicação é condição ativa na geração e circulação das representações.

Em referência ao jornalismo, França (1998, p. 41) aponta que a informação jornalística é “objetivação de uma subjetividade, construção simbólica”. A autora assinala que a existência do jornalismo se dá em relação comunicativa, o que leva à sustentação de que a “análise do jornalismo não pode prescindir do contexto relacional em que ele se inscreve, nem deve considerar essa relação como unilateral e preestabelecida, insensível à construção simbólica em torno da qual ela se institui e ao meio social no qual se enraíza” (FRANÇA, 1998, p. 42).

Diante disso e das abordagens construcionistas do estudo das notícias, compiladas por Nelson Traquina (2005), entende-se que as notícias constituem uma unidade de significação narrativamente construída por meio de relações de sentido socialmente tecidas por sujeitos

em comunicação. Se as notícias atribuem sentidos aos acontecimentos, como argumenta Luiz Gonzaga Motta (2006, p. 27), e se as notícias são representações sociais da realidade, como propõe Alsina (1989, p. 185), é possível inferir que nos acontecimentos narrativamente configurados pelas notícias podem ser observadas representações sociais resultantes do trabalho jornalístico.

Para o estudo das representações sociais a partir da dimensão narrativa das notícias, assume-se que representações sociais fazem parte da constituição dos acontecimentos narrativizados pelo jornalismo e podem ser observadas, descritas e interpretadas. Diante disso, esta pesquisa questiona, a partir de reportagens da revista *Globo Rural*, como o jornalismo, que atua na produção e circulação de representações sociais, participa do processo de construção social de sentidos.

Considera-se, então, que as mídias jornalísticas são sujeitos em comunicação que incidem na constituição simbólica do pensamento social. As mídias jornalísticas são, portanto, instâncias de observação social que conformam distintas formas textuais que interagem com o público na geração de significações e de conhecimento. Daí a pertinência de se investigar os modos como os produtos jornalísticos contribuem para o estudo das representações sociais.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Buenos Aires: Paidós, 1989.

FRANÇA, Vera. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2004, p. 13-26.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In.: JODELET, Denise (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001, p. 45-66.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do Fantástico: jogos de linguagem na comunicação jornalística**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, v. 1, 2 ed., 2005.

JORNALISMO E IDENTIDADE PROFISSIONAL

Jornalismo e Ciência: a produção científica da Universidade do Estado de Santa Catarina na imprensa
Carlito A. da Costa Jr.

O freelancer num contexto de mudanças estruturais no mundo do jornalismo
André Thibes

Jornalismo e ciência: a produção científica da Universidade do Estado de Santa Catarina na imprensa

Carlito A. da Costa Jr. – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo; jornalismo científico; divulgação científica; fontes de notícias.

Este projeto de dissertação de mestrado propõe investigar a relação entre os campos profissionais da ciência e do jornalismo, analisando para isso as percepções que agentes de ambos os campos – o repórter (jornalista) e a fonte (cientista) – obtêm a partir do contato entre esses profissionais, seja quando esse contato é feito de forma direta (classicamente no momento da entrevista jornalística), mas também em momentos em que é mediado (como no caso da ação de assessorias de imprensa). O objetivo é compreender como essa relação entre os campos profissionais impacta a mediação feita pelo discurso jornalístico sobre o discurso científico da forma como aparece nas matérias publicadas na imprensa.

Para atingir esse objetivo, optou-se como método descritivo pelo estudo de caso, analisando-se cobertura da imprensa sobre a produção científica de uma instituição de pesquisa específica, a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), durante o período de um ano, sistematizada por meio de um sistema de *clipping* da própria universidade. Como principal método de coleta de dados, a pesquisa se apoiará em entrevistas em profundidade com jornalistas e fontes selecionados a partir do conteúdo das matérias analisadas.

Pelo elevado grau de especialização, algumas fontes tendem a oferecer um tipo de informação que exige dos jornalistas um grau também alto de mediação do discurso especializado, de modo que o material oferecido pela fonte possa ser incorporado ao discurso jornalístico e compreendido pelo público. É na maioria das vezes o caso das fontes ligadas à produção de conhecimento científico, normalmente ligadas a universidades e outras instituições de pesquisa. Nessa relação, colidem a cultura científica e a cultura jornalística, criando obstáculos entre jornalistas e fontes na divulgação científica. Assim, as relações entre jornalistas e as fontes de informações científicas tornam-se complexas e delicadas.

Como chave para compreender como essas relações afetam o resultado da produção do jornalismo específico, a proposta de fundamentação teórica do trabalho apoia-se principalmente na teoria dos campos de Bourdieu (2005), no estudo das relações entre os campos científico e jornalístico, e no conceito de jornalismo como forma social de conhecimento (MEDITSCH, 2002). A opção metodológica adotada é a observação empírica de como essa relação entre

os campos profissionais se dá numa situação concreta, envolvendo a cobertura de imprensa a respeito da produção científica de uma universidade com reconhecimento social e usada frequentemente como fonte pela imprensa. O estudo de caso terá como objeto a cobertura da imprensa sobre a produção científica da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), com análise prévia do *clipping* de notícias produzido pela própria instituição e entrevistas em profundidade com jornalistas e fontes incluídos na referida cobertura jornalística.

O problema de pesquisa que se coloca então é o de como a relação entre os campos profissionais da ciência e do jornalismo impacta a mediação feita pelo discurso jornalístico nas reportagens sobre a produção científica de uma universidade reconhecida socialmente – e a qual a imprensa recorre frequentemente como fonte. Este é o problema que este trabalho propõe investigar, por meio de um estudo de caso da cobertura de imprensa sobre a produção científica da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), coletada ao longo de um ano. A proposta é investigar, com entrevistas em profundidade a serem feitas com atores envolvidos na cobertura (jornalistas e fontes), especialmente os problemas que surgem nessa relação entre os dois campos profissionais, personificada em seus agentes.

Coloca-se a hipótese de que, no jornalismo sobre ciência, há uma negociação entre os campos jornalísticos e científico, representados, de um lado, pela figura do repórter (jornalista) e, por outro, pela fonte (cientista), que envolve a mediação do discurso de um campo (ciência) pelo outro (jornalismo). As diferenças entre o modo como se dá a produção do conhecimento nos dois campos, assim como as diferenças entre as culturas profissionais de jornalistas e cientistas, determinam os termos dessa negociação e impactam o resultado da cobertura jornalística sobre a produção científica de uma universidade, desde a seleção de pautas até o conteúdo e abordagem das reportagens publicadas. O resultado dessa negociação pode se mostrar satisfatório ou não para cada um dos lados, afetando essa mesma relação profissional em casos futuros de contato entre jornalistas e cientistas.

Referências

BOURDIEU, Pierre. The political field, the social science field, and the journalistic field. In: BENSON, R., NEVEU, E. (org.). **Bourdieu and the journalistic field**. Cambridge: Polity Press, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é forma de conhecimento? **Media & Jornalismo**, Ano 1, nº. 1. Lisboa, CIMJ, 2002.

O freelancer num contexto de mudanças estruturais no mundo do jornalismo

André Thibes – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo freelancer; precarização do trabalho do jornalista; reestruturação produtiva.

O jornalismo *freelancer* sempre esteve presente nas redações brasileiras, se confundindo, no início do século XX com a precariedade das redações amadoras antes de sua profissionalização. Com o desenvolvimento das formas de organização das redações e sua modernização, ao *freelancer* ficou cada vez mais reservado um espaço de coadjuvante comparado às formas de contratação tradicionais, sendo considerado um *outsider* à lógica que vinha se desenhando (BURKHARDT, 2006). No século XXI, esta posição começa a sofrer ligeiras mudanças e o *freelancer* deixa de ter um papel secundário à lógica de organização do modelo de imprensa tradicional passando a ser peça central para a compreensão do caráter de acumulação flexível absorvido pelas empresas tradicionais de jornalismo.

Para tanto, investigamos a precarização do trabalho do jornalista *freelancer* a partir de dois pressupostos: a) as mudanças no mundo do trabalho e suas consequentes mudanças no mundo do trabalho do jornalismo; e b) a inserção de tecnologias nas rotinas dos jornalistas, como estas afetam o trabalho diário nas redações e como reconfiguram o ecossistema do modelo de negócios.

Em 1917, Henry Ford desenvolveu em suas fábricas um modelo de produção que anos mais tarde se espalhou pelo mundo dando o tom de uma economia marcada por produção e consumo em massa. As características desse modelo de produção envolviam rígidos controles de tempo de execução de tarefas, e produção em série. Este modelo entra em crise mais ou menos na década de 1970 (HARVEY, 2014). A partir de então o mundo do trabalho desenvolve novas formas de acumulação de capital que confrontam dois dos principais problemas do modelo anterior, a rigidez das estruturas de acumulação e a resistência coletiva dos trabalhadores (ANTUNES, 2015). O modelo de acumulação flexível é caracterizado por um núcleo de trabalhadores altamente especializados, porém reduzidos, nas zonas centrais e um alto contingente de trabalhadores em situação de instabilidade nas zonas periféricas dos mercados (HARVEY, 2014).

No jornalismo esta realidade se aplica no caso dos *freelancers*. Ao passo que dentro das redações há um número de trabalhadores regularmente contratados cada vez mais reduzidos e com intensas cobranças de produtividade além de suas capacidades, fora das redações há um número alto de profissionais desregulamentados, sejam eles *freelancers*, terceirizados, pejetas e demais formas de desregulamentação da profissão (MICK, 2012).

Na medida em que o jornalismo possui menos autonomia frente aos interesses do campo econômico, ele reforça a ideologia dominante e não atinge todas as suas potencialidades como forma social de conhecimento. Com isso, espera-se analisar quais os impactos que o modelo de trabalho *freelancer* tem, enquanto estratégia de precarização nas redações tradicionais, na subjetividade do jornalista, bem como isto afeta o desenvolvimento das potencialidades do jornalismo como forma social de conhecimento.

Segundo Genro Filho (2012), o jornalismo é uma mercadoria, mas não é uma mercadoria qualquer. Apesar de surgir no seio da sociedade capitalista, carrega em si potencialidades de transcender este modelo de sociedade. Ainda segundo o autor, o jornalismo ampliou seus públicos ao crescer junto com o desenvolvimento da burguesia e passou a representar um anseio da sociedade como um todo ao se preocupar com questões voltadas para a autoprodução humana.

Os sujeitos envolvidos no jornalismo, ao produzirem as notícias fazem uma significação dos fatos. O mesmo pode ser dito sobre os sujeitos que interpretam as notícias. Por isso Genro Filho (2012) defende que o jornalismo deve fazer uma abertura de sentidos e não necessariamente apontar caminhos ou definir soluções para as questões apresentadas. Sendo assim, o que dá ao jornalismo a potencialidade de superação das características do modelo de sociedade capitalista está relacionado com a subjetividade envolvida no processo.

As consequências de um jornalismo sendo concebido de forma meramente pragmática, como a nosso ver a precarização do trabalho parece apontar, são de não conseguir atingir às potencialidades do jornalismo nesta abertura de sentidos. O jornalista corre o risco de colocar os valores do mundo do trabalho acima dos valores do jornalismo.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** Ensaio sobre as metamorfoses do mundo do trabalho. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BURKHARDT, Fabiano. **Jornalistas Free-lancers:** Trabalho precário na grande imprensa da Região Metropolitana de Porto Alegre. 2006. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 25. ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuitas, 2014.

MICK, Jacques. A precarização e o trabalho dos jornalistas brasileiros. In.: **11º encontro nacional de pesquisadores em jornalismo SBPJor**, 2013, Brasília.

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO

O discurso afetivo na revista Vida Simples: estratégias discursivas para (re)afirmação do contrato de comunicação

Débora Cerutti Viegas

Do 'Far-West' ao Extremo Oeste: os enquadramentos do jornalismo e a identidade e representatividade política regional

Marcionize Bavaresco

O discurso afetivo na revista *Vida Simples*: estratégias discursivas para (re)afirmação do contrato de comunicação

Débora Cerutti Viegas – Mestrado

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daiane Bertasso

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo; discurso; *Vida Simples*; afeto; contrato de comunicação.

Este estudo atenta para as mediações que surgem da relação entre jornalismo e sociedade num momento em que a troca de afetos pode ser vista como potencialidade de comunicação. O vínculo é visto nesta pesquisa como uma relação dialógica, em que os sujeitos assumem posições na interlocução. A noção de *contrato de comunicação* (CHARAUDEAU, 2013) é a base do estudo, pois, ao considerar a relação existente entre revista e leitor, assumo que há um “acordo prévio” entre interlocutores. Portanto, há regras estabelecidas para a troca linguageira em que os sujeitos definem seus lugares de fala e as condições (internas e externas) para que a comunicação seja efetivada.

Mesmo que timidamente, o jornalismo caminha junto a uma emergência da sensibilidade vista em vários campos. A manifestação subjetiva começa a ganhar espaço nas produções jornalísticas, atendendo a uma necessidade tanto da sociedade – que sofre com a individualização (BAUMAN, 2001) e parece carecer de relações mais ternas na coletividade –, como do próprio campo científico, que vem reunindo esforços na ruptura de uma racionalidade refletida na prática jornalística mecanizada.

Com Medina compreendo que a comunicação une e se origina “na ética solidária, na técnica da partilha e na poética da afetividade” (MEDINA, 2008, p. 47), e, deste modo, me coloco no desafio de investigar, de modo mais profundo, como estas relações são afirmadas, como elas se vinculam com base na troca de afetos por meio dos discursos. O que motiva esta pesquisa, então, é a visualização da abertura ao diálogo mais afetivo no jornalismo e o modo como os produtos jornalísticos atuam na sua vinculação com os leitores.

O jornalismo, especificamente o jornalismo de revista, mesmo com suas especificidades e formas de diálogo mais íntimo, parece querer estabelecer um vínculo ainda mais próximo em *Vida Simples* (Editora Caras). A publicação surgiu em 2003 e, ao longo dos anos, manteve sua linha editorial ao tratar da qualidade de vida sob diversas abordagens. Sustentabilidade, saúde, cidadania e autoconhecimento são os grandes temas desenvolvidos pela revista, que os considera meios para alcançar a felicidade ou o bem-viver. A cada ano, a revista apresenta ainda mais conteúdos relacionados ao autoconhecimento através da gestão

das emoções e do entendimento mais profundo sobre a vida, ambos tratados a partir de uma noção de simplicidade.

O vínculo entre jornalismo e público, portanto, parece existir a partir de uma relação empática, em que os afetos são mobilizados a cada experiência compartilhada e explorada pelo jornalismo da revista. O objetivo central da pesquisa é compreender como se configura o discurso da revista *Vida Simples* (Editora Caras) por meio da identificação das estratégias discursivas de produção de sentidos e (re)afirmação do contrato de comunicação da revista com seus leitores.

Através da fundamentação teórico-metodológica da Análise de Discurso de linha francesa (MAINGUENEAU, 2008; CHARAUDEAU, 2013; BENETTI, 2010), a pesquisa avançará na identificação das formações discursivas (FD's) para aprofundar a reflexão da dimensão afetiva da vinculação existente entre revista e leitor. Os conceitos de afeto (ESPINOSA, 1989), emoção e sentimento (DAMÁSIO, 1996; EKMANN, 2011) serão articulados na pesquisa como meio para pensar o discurso afetivo no jornalismo. Como *corpus* da pesquisa, serão analisados as capas (quatro chamadas de conteúdo), a matéria de capa, o editorial e a seção “Mensagens”, além dos comentários dos *posts* sobre a matéria de capa de cada edição na página da revista *Vida Simples* no *Facebook*. O período a ser analisado é de um ano, de janeiro a dezembro de 2016.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso: estudo de vozes e sentidos, p. 107-122. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- EKMANN, Paul. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.
- ESPINOSA, B. **Ética**. (Os pensadores). Tradução; Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultura, 1989
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008
- MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008

Do ‘Far-West’ ao Extremo Oeste: os enquadramentos do jornalismo e a identidade e representatividade política regional

Marcionize Elis Bavaresco – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo de proximidade; jornalismo de distanciamento; identidade; representatividade; Extremo Oeste catarinense.

A pesquisa da qual deriva este resumo tem como pano de fundo a atuação do jornalismo que segue o modelo *mainstream*, ou seja, feito por empresas privadas e que se autodefine como alicerçado nos valores tradicionais dessa instituição social, em diferentes esferas de visibilidade do jornalismo (local/regional e estadual/nacional). O foco da análise são as características atribuídas no discurso jornalístico à “Região Extremo Oeste” de Santa Catarina, que faz referência a uma gama de municípios localizados na porção Oeste do estado, na divisa com a Argentina.

O objeto de estudo se desenha em torno da trajetória dos enquadramentos hegemônicos, mapeados por meio da análise de *framing*, e a relação com dois aspectos em particular: a identidade regional e a representatividade política. Algumas ponderações acerca desses conceitos são necessárias.

Conforme Saward (2010), embora haja o interesse inicial do representante em ser o ator do processo de representação, essa só se dá, de fato, com o reconhecimento dos representados e de demais atores e organizações sociais acerca de sua legitimidade. É possível então pressupor que esse reconhecimento requer um determinado grau de identificação dos representados com seus representantes e a identidade regional pode ser um elemento dessa trama.

É quando a representatividade política se entrelaça com a identidade que a comunicação se torna fundamental. Isso porque toda identidade só existe se narrada (MARTÍN-BARBERO, 2002; BHABHA, 2000; MARINAS, 1995). Na concepção aqui adotada a identidade é uma categoria que está relacionada com a memória (POLLAK; 1992). A relação entre identidade e narração, nas sociedades contemporâneas, perpassa o jornalismo, tendo em vista ser ele um dos agentes que possibilita visibilidade pública abrangente às narrativas não ficcionais.

É por isso que o cerne teórico da pesquisa aqui relatada parte do lugar ocupado pelo

jornalismo nas esferas públicas contemporâneas, suas potencialidades e limitações como espaço de debate público e de visibilidade, tendo em vista ser um agente que enquadra os fatos noticiosos de acordo com critérios particulares. Essas especificidades do jornalismo passam pelo fato de se constituir de “instituições híbridas, ao mesmo tempo políticas, econômicas e cultural-profissionais” (MAIA, 2008, p. 95).

O que muitas vezes se ignora é que, embora seja possível considerar alguns critérios gerais sobre o que se define como jornalismo, suas dinâmicas de produção e recepção não são homogêneas. A compreensão do jornalismo a partir de escalas possibilita um cenário mais plural. Surge dessa concepção a abordagem adotada na pesquisa, que se baseia na perspectiva do jornalismo de proximidade (CAMPONEZ, 2002) e do jornalismo de distanciamento (formulação estabelecida a partir de leituras de Medina (2008) e Ijuim (2014)).

Referências

BHABHA, Homi K. Dissemination: time, narrative, and the margins of the modern nation. In: BHABHA, Homi K. (Org.). **Nation and Narration**. New York: Routledge, 2000.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de Proximidade**. Coimbra: MinervaCoimbra, 2002.

IJUIM, Jorge Kanehide. Ciência e Jornalismo: apontamentos sobre as ideias de Boaventura de Sousa Santos para a compreensão do Jornalismo. **Revista Ação Midiática: Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, Curitiba: Programa de Pós-graduação em Comunicação – UFPR, n. 7, 2014.

MAIA, Rousiley (Coord.). **Mídia e Deliberação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

MARINAS, José Miguel. La identidad contada. Destinos del relato al filo del milenio. **Archivos de la Filmoteca**, Valencia, n. 21, p. 75-87, out. 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. Quince Años De Dia-Logos. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 64, p. 8-24, out. 2002.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SAWARD, Michael. **The representative claim**. Oxford University Press: Nova Iorque, 2010.

JORNALISMO, HISTÓRIA E DIREITOS HUMANOS

Imprensa e racismo na pós-abolição: o problema negro de Oliveira Lima
Maurício de Lima Oliveira

Jornalismo, imagem e a luta pela memória de mortos e desaparecidos da ditadura civil-militar no Brasil
Cândida Oliveira

Imprensa e racismo na pós-abolição: o problema negro de Oliveira Lima

Maurício de Lima Oliveira – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Mauro César Silveira

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo; história da imprensa; problema negro; pós-abolição; Oliveira Lima.

O objetivo da pesquisa é investigar como a imprensa brasileira abordou o chamado “Problema Negro” na década seguinte à abolição da escravidão no país, ocorrida em 1888. “Problema Negro” – às vezes chamado também de “Perigo Negro” ou “Ameaça Negra” – era como jornais e intelectuais se referiam à necessidade de lidar com o aporte de um grande número de libertos à sociedade brasileira. O lócus da pesquisa são os artigos publicados na imprensa por Manuel de Oliveira Lima (1867-1928), que conciliou suas atividades de diplomata e historiador com a de colaborador regular de periódicos, prática que o levava a se considerar também jornalista e a ser reconhecido como tal – a ponto de ter sido o representante brasileiro no I Congresso Pan-Americano de Jornalistas, em 1926. O período de análise vai de 1888, o ano da Abolição, até 1899, quando Oliveira Lima lançou o livro *Nos Estados Unidos – Impressões Políticas e Sociais*, coletânea de artigos que publicou em periódicos brasileiros enquanto atuou em Washington como primeiro secretário da legação brasileira. O primeiro capítulo do livro chama-se justamente “O Problema Negro” e analisa o tema de forma comparativa entre Brasil e Estados Unidos. A obra teve grande repercussão nos dois países. Nos Estados Unidos, recebeu resenhas elogiosas de publicações de peso como *The New York Times* e *The Washington Post*, que destacavam a forma como o diplomata brasileiro havia compreendido o povo e as instituições norte-americanas.

A pesquisa se propõe a analisar as motivações dos periódicos brasileiros em propagar os conceitos racistas defendidos por Oliveira Lima, com foco nos dois veículos para os quais o historiador-diplomata contribuía com frequência no período analisado – *Jornal do Comércio* e *Revista Brasileira*, importantes publicações da época. Na opinião de Oliveira Lima, os negros eram uma raça naturalmente inferior, cujo único caminho seria continuar submissa: “O negro como trabalhador e dirigido pelo branco oferece, na opinião dos entendidos, qualidades preciosas pela sua obediência e na musculatura”, escreveu. Para ele, o cerne do Problema Negro era a maior taxa de fecundidade dessa população em comparação à branca, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil – projetando-se, dessa forma, um futuro em que os negros se tornariam maioria. Entre as “soluções” defendidas por Oliveira Lima estavam a reexportação – ou seja, lotar barcos com negros e enviá-los de volta à África – e a imigração maciça de europeus, estratégia para branquear a população e, dessa forma, supostamente disseminar características desejáveis entre a população.

Como lembrou o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), o jornalismo é uma atividade cuja autonomia é inevitavelmente reduzida pela influência das classes dominantes. Pela mesma lógica, sabe-se que o jornalismo é frequentemente utilizado como instrumento de defesa dos interesses das classes dominantes. Assim, o espaço concedido às opiniões de Oliveira Lima sobre o Problema Negro muito possivelmente refletia a conveniência dos periódicos em divulgar tal visão. É na investigação desse aspecto que está o principal foco da pesquisa. Que interesses individuais e coletivos estariam por trás das opiniões manifestadas por Oliveira Lima? Quais os interesses dos jornais em reproduzir tais opiniões? Como era a cobertura política e econômica desses mesmos jornais no período? Como as opiniões de Oliveira Lima sobre as questões raciais eram vistas entre os intelectuais com os quais ele se relacionava e se correspondia? De que forma sua presença na capital norte-americana, como representante da intelectualidade brasileira nos Estados Unidos, contribuiu para difundir e/ou reforçar o preconceito racial no Brasil pós-Abolição?

Referências

BANDEIRA, Moniz. **A Presença dos Estados Unidos no Brasil** – Dois Séculos de História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

GROTH, Otto. **O Poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MALATIAN, Teresa. **Oliveira Lima e A Construção da Nacionalidade**. Bauru: Edusc, 2001.

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. **Memórias (Estas Minhas Reminiscências...)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

_____. **Nos Estados Unidos: Impressões Políticas e Sociais**. Leipzig, Alemanha: F. A. Brockhaus, 1899.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Jornalismo, imagem e a luta pela memória de mortos e desaparecidos da ditadura civil-militar no Brasil

Cândida de Oliveira – Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch

Linha de Pesquisa: Jornalismo, Cultura e Sociedade

Palavras-chave: jornalismo biográfico; memória; ditadura civil-militar.

A pesquisa problematiza o jornalismo inserido no contexto contemporâneo denominado “cultura da memória” (HUYSSSEN, 2000) que, no Brasil, inclui diversas ações que buscam rememorar/ressignificar fatos da ditadura civil-militar (1964-1985), como os movimentos e reivindicações por verdade e justiça (TELES, 2010) em relação às graves violações de direitos humanos que ocorreram no período. Após a instalação da Comissão Nacional da Verdade, em 2012, o jornalismo tem se mostrado um dos principais espaços de reverberação de narrativas sobre a ditadura (MAIA e LELO, 2015), possibilitando novas significações do passado, bem como a visibilidade de atores sociais antes silenciados. Dentre tais narrativas, chama a atenção o *boom* de biografias produzidas por jornalistas sobre mortos e desaparecidos em decorrência dos atos de exceção perpetrados pelos agentes da repressão da ditadura. Percebe-se que este fazer jornalístico realiza/engendra/compõe movimentos específicos com a memória, uma vez que para produzir e narrar tais fatos é necessário lidar com informações situadas em uma temporalidade distinta daquela que caberia ao jornalismo reportar, isto é, o tempo presente. Além disso, a memória sempre esteve ligada aos processos narrativos biográficos, pois “não se pode construir uma biografia sem recorrer às recordações” (VILLAS-BOAS, 2014, p. 40). Diante disso, a pesquisa investiga como a memória é trabalhada na produção e na narrativa de biografias jornalísticas sobre mortos e desaparecidos da ditadura civil-militar no Brasil, e de que modo esse trabalho interfere na constituição de dimensões específicas do jornalismo biográfico. A memória está relacionada a diversos aspectos da produção e da composição da narrativa como, por exemplo, o uso de testemunhos, a ordenação do passado no presente, o entrelaçamento de temporalidades e a possibilidade de ruptura com a chamada história oficial. Além disso, tratar da memória possibilita pensar a constituição dos sujeitos – biógrafo e biografado – uma vez que a escrita pode ser compreendida como exercício político de resistência, de luta contra o esquecimento e, em certa medida, contra a própria morte (GAGNEBIN, 2014). De modo geral, a pesquisa busca compreender o trabalho de memória na produção e na narrativa de biografias jornalísticas sobre mortos e desaparecidos no Brasil, e como esse trabalho interfere na constituição de dimensões específicas do jornalismo biográfico. O conceito de jornalismo como uma forma social de conhecimen-

to (GENRO FILHO, 2012; MEDITSCH, 1992) sustenta teoricamente este estudo, pois permite pensar a biografia e o biografar como um fazer específico que produz conhecimento sobre a existência de uma pessoa, de uma vida. O conceito de memória de W. Benjamin (1993), pensado em relação com a história, faz parte do aporte teórico desta pesquisa, possibilitando um olhar interdisciplinar ao desafio que é problematizar a narrativa sobre histórias de sujeitos envolvidos em episódios traumáticos, como os vivenciados durante a ditadura civil-militar brasileira, os quais lançam hoje uma necessidade inegável de rememoração. Assim, abordar o trabalho da memória no jornalismo biográfico a partir do horizonte teórico-filosófico de Benjamin pode contribuir para a não redução da produção e da narrativa jornalística a uma ordem que visa apenas descrever, explicar e nomear o acontecido, numa lógica de causas e consequências, mas ao contrário, pensá-las como possibilidades de intercambiar experiências do passado no presente com a perspectiva de transformar o futuro.

Referências

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GAGNEBIN, J. M. **Limiar, aura e rememoração**. Ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2012.

HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MAIA, M. R.; LELO, T. V. O potencial crítico das narrativas jornalísticas sobre o período ditatorial no Brasil. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, p. 128-145, 2015.

MEDITSCH, E. O Jornalismo é uma forma de conhecimento? **Media e Jornalismo**. v. 1, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/mediajornalismo/article/view/1084>>

TELES, J. A. Os familiares de mortos e desaparecidos políticos e a luta por “verdade e justiça” no Brasil. In: TELES, E.; SAFATLE, V. (Orgs). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 253-258.

VILAS-BOAS, S. **Biografismo: reflexões sobre as escritas de vida**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

JORNALISMO E NARRATIVAS

Telejornalismo imersivo: a expansão do gênero nas narrativas em Realidade Virtual

Luciano Costa

Aproximações entre jornalismo literário e cinema-documentário: análise dos filmes Gretchen: Filme Estrada e Uma História Severina

Marcela Varasquim

Webdocumentário: uma proposta de modelo narrativo

Luis Fernando Oliveira

Telejornalismo Imersivo: a expansão do gênero nas narrativas em Realidade Virtual

Luciano Costa – Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Antonio Brasil

Linha de Pesquisa: Tecnologias Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: jornalismo imersivo; imersão; realidade virtual; telejornalismo.

A imersão por meio dos novos formatos jornalísticos se materializa em grandes reportagens multimídia, infográficos interativos, reportagens em realidade virtual, realidade aumentada ou mista, fotos e vídeos em 360 graus. São produtos que dão ao espectador a impressão de estar no ambiente da notícia – o espectador pode **imerso na obra** e ter uma experiência sensorial diferente a de outros formatos audiovisuais tradicionais, **uma experiência em primeira pessoa** (DE LA PEÑA *et al*, 2010; DOMÍNGUEZ, 2015).

Para Domínguez (2013), o objetivo de um jornalismo realmente imersivo é fazer com que o público sinta-se parte dos acontecimentos e não apenas observadores, e que o desenvolvimento de tecnologias que eliminem sensorialmente a fronteira física é o ambiente de pesquisa mais fértil para a experimentação desta ideia de jornalismo imersivo, pois permite levantar novas formas comunicativas. Estes formatos atendem à noção de “uma forma narrativa que busca a imersão através de técnicas interativas e visuais consistentes em promover o papel ativo do usuário no relato e em uma experiência sensorial do espaço” (DOMÍNGUEZ, 2015, p. 420), em que o público é levado virtualmente ao local da notícia, com a possibilidade de estar presente na narrativa, com a sensação de presença e sentimentos do próprio repórter nos acontecimentos. Apesar de jornalismo imersivo e realidade virtual não serem sinônimos, é com a realidade virtual que atualmente ele se materializa com mais eficácia.

O jornalismo imersivo levanta um questionamento que norteia esta pesquisa: *O que é imersão e como ela se materializa no jornalismo?* Neste trabalho duas concepções teóricas convergem para definir o que seria um **Telejornalismo Imersivo**, portanto, a revisão bibliográfica centra-se em dois amplos conceitos para definir as discussões que se seguem: imersão e telejornalismo.

A discussão sobre imersão tem um recorte sob três perspectivas, pensada a partir da sua conceituação na literatura, artes visuais e no jornalismo. Para tratar da imersão na literatura buscou-se a discussão sobre a “imersão poética” de Marie-Laure Ryan e as narrativas interativas do ciberespaço de Janet Murray. A abordagem imersiva do ponto de vista da arte visual é ancorada, principalmente, pelo autor Oliver Grau, que discute conceitos da arte virtual, imersão e ilusão das imagens, e oferece uma verdadeira genealogia

dos sistemas de realidade virtual. No jornalismo, a definição de imersão será construída a partir das ideias de John Pavlik, Larry Pryor, Nonny de la Peña, a partir da recriação visual de cenários do seu conceito de *immersive journalism*, e Eva Dominguez, com a sua pesquisa sobre periodismo imersivo.

Este projeto parte de um pressuposto teórico que entende o telejornalismo para além do jornalismo de e para a televisão “tradicional”. Adentrando, assim, a um jornalismo audiovisual para telas (EMERIM *et al*, 2015) que compreende diversas produções como televisuais – entendendo, por consequência, a televisão como dispositivo de visão à distância. Como procedimentos metodológicos adotados temos base no modelo híbrido do GJOL (MACHADO e PALACIOS, 2007), com o objetivo geral de compreender as potencialidades narrativas das produções audiovisuais em realidade virtual e sua contribuição para um telejornalismo imersivo, com vistas a problematizar os conceitos de imersão, realidade virtual e telejornalismo. E como objetivos específicos, tem-se: a) Identificar as novas configurações da televisão e do telejornalismo no ciberespaço, espaços que atualmente tem um novo paradigma de produção e consumo; b) Conceituar o Telejornalismo Imersivo, novo gênero ainda pouco explorado nos estudos acadêmicos do campo do jornalismo. c) Mapear e analisar as produções jornalísticas em realidade virtual e suas contribuições para o telejornalismo.

Referências

DE LA PEÑA, N. WEIL, P. LOBERA, J. GIANNOPOULOS, E. POMÉS, A. SPANLANG, B. FRIEDMAN, D. SANCHEZ-VIVES, M. SLATER, M. **Immersive Journalism: Immersive Virtual Reality for the First-Person Experience of News.** Presence. Cambridge. Massachusetts Institute of Technology. Vol. 19, No. 4, p. 291–301. 2010.

DOMÍNGUEZ, Eva. **Periodismo imersivo.** Fundamentos para una forma periodística basada en la interfaz y en la acción. Tesis doctoral. Barcelona: Universitat Ramon Llull, 2013.

EMERIM; FINGER, CAVENAGHI. Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo. In: **Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.** 2015.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL** [p.199-223]. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (Orgs). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

Aproximações entre jornalismo literário e cinema-documentário: uma análise dos filmes *Uma História Severina* e *Gretchen Filme Estrada*

Marcela Cristina Zimolo Varasquim – Mestrado

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Flávia Garcia Guidotti

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagem e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: jornalismo literário; cinema-documentário; Eliane Brum.

A dissertação busca compreender a intersecção existente entre o Jornalismo Literário e o cinema documentário. Para realizar esta aproximação serão analisados dois filmes codirigidos pela jornalista brasileira Eliane Brum que também vem trabalhando concomitantemente com jornalismo literário, tendo publicado diversos livros nos últimos vinte anos. A pesquisa utilizará como objeto empírico os documentários *Uma história Severina*, de Eliane Brum e Débora Diniz; e *Gretchen – filme estrada*, de Eliane Brum e Paschoal Samora. Primeiramente serão sistematizadas as características do Jornalismo Literário para depois aproximá-las dos filmes estudados, tendo como base, principalmente, o conceito de *Jornalismo Literário Cinematográfico*. A metodologia utilizada será a Análise Crítica da Narrativa, desenvolvida por Luiz Gonzaga Motta.

O narrar é uma experiência arraigada na existência humana. Somos narrativos natos, atores, personagens e ouvintes das nossas próprias narrativas (MOTTA, p. 17). Com as técnicas da análise da narrativa, é possível interpretar criticamente a configuração dos enredos e intrigas, compreender as estratégias de uso da linguagem, a intencionalidade das várias vozes implícitas ou explícitas, o conteúdo de fundo ético, moral e ideológico e os efeitos de sentido dos produtos da indústria cultural. (MOTTA, p. 9)

A partir das narrativas dos documentários de Eliane Brum, a pergunta que norteia a pesquisa é: de que forma Eliane Brum se apropria dos elementos do Jornalismo Literário, tão presentes nos livros de reportagem, e os utiliza também no ambiente audiovisual, na codireção dos documentários *Uma História Severina* e *Gretchen Filme Estrada*?

O principal objetivo é problematizar a relação existente entre jornalismo literário e cinema-documentário a partir de autores como Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena e Monica Martinez, e ao fim concluir se há pertinência na aplicação do jornalismo literário nas narrativas audiovisuais.

Referências

- BATISTA, A. A. Quem se importa – Um estudo de caso sobre o Jornalismo Literário aplicado ao cinema. **Inovcom**, v. 05, n. 02, p. 51-67, 2013. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/inovcom/article/view/1728>>. Acesso em: 13 mar. 2015.
- BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário** – teoria e análise. CIDADE: Editora Insular, 2013.
- BOYNTON, S. Robert. **The New New Journalism: conversations with America's best nonfiction writers on their craft**. Randon House Inc, 2005.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. Editora Ática, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.
- DAL-RIN, Silvio. **Espelho Partido: tradição e transformação do documentário**. Azougue, 2008.
- DEMENECK, B. H. **Folkcomunicação e jornalismo literário: uma relação que promove um pensar e um agir jornalístico humanista**. 2012. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/c/cb/GT1_03_BenhurDomeneck.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2015.
- EDUARDO, A. G. P. **José Louzeiro, do romance-reportagem ao cinema: estudo da adaptação literária para o audiovisual a partir de Lúcio Flávio e Infância dos Mortos**. 2013.
- Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.203-222, 2003.
- HALL, Calvin Springer. **Introdução à psicologia junguiana**. 8.ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- HERSEY, John. **Hiroshima**. Companhia das Letras, 2002.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Histórias de vida em Jornalismo Literário Avançado. **Comunicarte**, v. 19, n. 25, Campinas – SP, PUC-CLC, 2002. Disponível em: < <http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/179-historias-de-vida-em-jornalismo-literario-avancado>>. Acesso em: 10.09.16
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário no cinema**. São Paulo e Itu: Texto Vivo, 2003. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/arquivodomural8.htm>. Acesso em: 10.02.16
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo, Brasiliense, 2003.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Editora Vozes, 2008.
- MARTINEZ, Mônica. Jornalismo literário, cinema e documentário: apontamentos para um diálogo entre as áreas. **Revista Comunicação Midiática**, v. 07, n. 02, p. 98-116, 2012. Disponível em: <<http://www.mundodigital.unesp.br/revista/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/227/131>>. Acesso em: 10.02.16
- MATOS, E. T. C. **Jornalismo Literário no Profissão Repórter**. 38f. 2012. Monografia (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Artes e Comunicação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina**. Editora TUCA, 1955.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Editora UNB, 2014.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 6.ed. CIDADE: EDITORA, 2016.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. Editora Contexto, 2006.
- PESSOA JUNIOR, Osvaldo. **Conceitos de Física Quântica**. São Paulo. Editora Livraria da Física, 2003.
- RODRIGUES, Iuri da Silva. O literário na TV a partir das reportagens de Neide Duarte. **V Sipecom** – Seminário Internacional de pesquisa em comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2013. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wp-content/uploads/gravity_forms/1-997169d8a192ed05af1de5bcf3ac7daa/2013/09/Iuri-Rodrigues_Sipecom.pdf>. Acesso em 09.09.16
- SANTOS, Akiko. **O que é transdisciplinaridade**. Periódico Rural Semanal, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2005.
- SCHERER, Lilian Cristine. **Linguagem e cognição: relações interdisciplinares**. Org. Jorge Campos da Costa. Vera Pereira. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2009.
- SILVIA, S. R. R. da. **Artur e Santiago: relações entre jornalismo narrativo e cinema-documentário**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, 2014.
- SIMS, Normal & KRAMER, Mark. **Literary Journalism**. New York: Ballantine Books, 1995.
- TRONCO, Selma Rizzetto. A obra de Eduardo Coutinho sob a ótica do jornalismo literário. **Intercom**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0903-1.pdf>> Acesso em: 03.05.16
- VILLAS BOAS, S. **Jornalismo literário: um percurso filosófico**. São Paulo: ABLJ / TextoVivo Edições, 2008.

Webdocumentário: uma proposta de modelo narrativo

Luiz Fernando de Oliveira – Mestrado

Orientador: Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Romero Paulino

Linha de pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo

Palavras-chave: webdocumentário; jornalismo; interatividade; narrativas; design.

A confluência de gêneros e formatos jornalísticos no ambiente *online* tem propiciado o surgimento de diferentes modalidades comunicacionais que aglutinam em sua estrutura um conjunto de elementos multimidiáticos, interacionais e convergentes para compor narrativas que ampliam nosso entendimento e assimilação de fatos e acontecimentos.

O webdocumentário entra na cena digital do jornalismo como um formato que apresenta um conceito em formação, mas que mantém uma das missões do ofício de propiciar um retrato mais aprofundado de assuntos apurados. O produto destaca a evidência de variáveis do uso criativo de tecnologias ao apresentar uma forma híbrida, marcada pelo cruzamento de diferentes sistemas comunicacionais, como texto, áudio, fotografia, vídeo, gráficos, animações, histórias em quadrinhos, entre outros.

O relatório *Documentary and New Digital Platforms – an ecosystem in transition* (2011) elenca mecanismos específicos envolvidos na produção do formato, sua relação com o usuário, que pode vir a ser um coautor, e vantagens de uma distribuição em rede. No discurso do dossiê, o webdocumentário é tratado como uma narrativa concebida para a internet, constituída, geralmente, por uma estrutura não linear, navegável, interacional, com conteúdo multimídia e um roteiro específico, ou seja, é marcado por processos produtivos que estão vinculados com a lógica de recursos oferecidos pelo ambiente digital conectado.

Esta pesquisa objetiva propor um modelo conceitual de webdocumentário, demonstrando o layout desse produto e sua respectiva descrição. Para a criação do protótipo, alguns objetivos específicos serão necessários como, por exemplo, a definição de categorias que estão ligadas à natureza de um webdocumentário e testes com usuários. Os testes serão aplicados com base em três webdocumentários: *El Swissleaks de Falciani – El Gran Robo de Datos Bancarios*¹, lançado em 2015 e produzido em conjunto por *Filmproduktion, Polar Star Films* e o canal *Arte.TV*; *Unité 9*², divulgado em 2014 pela *Radio-Canada*; e *A Short History of the Highrise*³, publicado em 2013 pelo *The New York Times*.

1 Projeto disponível em: <<http://falciani-info.arte.tv/?lang=es#/chapter/1>>. Acesso em 1 dez. 2016

2 Projeto disponível em: <<http://unite9.radio-canada.ca/webdocumentaire/>>. Acesso em 1 dez. 2016

3 Projeto disponível em: <<http://www.nytimes.com/projects/2013/high-rise/>>. Acesso em 1 dez. 2016.

Os projetos escolhidos refletem parcerias entre organizações de mídia e de notícias para a criação de produtos jornalísticos que atendam às atuais lógicas de produção, distribuição e de inserção de seus públicos no contexto de suas narrativas. A finalidade de realizar avaliações com usuários é identificar nuances de seu encontro com os conteúdos dos webdocumentários selecionados, isto é, de que maneira eles se relacionam com a navegação, os recursos interacionais, o arranjo de elementos da estrutura das narrativas. A partir das respostas obtidas será possível ter uma dimensão se a proposta comunicacional presente nesses três projetos estimula ou afugenta o interesse de usuários em explorar os seus conteúdos.

As impressões do grupo entrevistado serão indicativos importantes para validar ou refutar nossas categorias, elencadas após análise teórica de autores como Gifreu (2013), Gaudenzi (2013) e Lietaert (2012). As respostas provenientes dos questionários aplicados também orientarão a concepção de nosso modelo conceitual de webdocumentário. A abordagem metodológica desta pesquisa contempla a perspectiva da Triangulação, procedimento que emprega o pluralismo metodológico para abordar o objeto de pesquisa.

O estudo, assim, significa uma oportunidade para ampliar a reflexão e a compreensão sobre webdocumentário, levando em conta que o processo de comunicação envolvido só se completa quando o usuário é encorajado a descobrir e desbravar, mediante uma interface amigável, o emaranhado de caminhos que compõem essa narrativa.

Referências

DOCUMENTARY and new digital platforms: an ecosystem in transition. Observatoire Du Documentaire. Canadá, 2011.

GAUDENZI, Sandra. **The Living Documentary**: from representing reality to co-creating reality in digital interactivedocumentary. Londres: Centre for Cultural Studies, University of London, 2013. Disponível em: <http://research.gold.ac.uk/7997/1/Cultural_thesis_Gaudenzi.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2016.

GIFREU, Arnau. **El documental interactivo como nuevo género audiovisual** – Estudio de la aparición del nuevo género, aproximación a sua definición y propuesta de taxonomia y de modelo de análisis a efectos de evaluación, diseño y producción. 2013. 698 f. Tese de doutorado. Universitat Pompeu Fabra, Espanha, 2013.

LIETAERT, Matthieu. **Webdocs** – a survival guide for online filmmakers. Ratings & Reviews, 2013.



UFSC

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR)
Campus Universitário, Trindade
88040-980 - Florianópolis/SC
(48) 3721.6610 - www.posjor.ufsc.br

ISSN 2526-1231